

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

MARLENE CECILIA CASTAGNA

A RECEPÇÃO DE *O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*, DE LIMA BARRETO,  
POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE MARINGÁ

MARINGÁ

2012

MARLENE CECILIA CASTAGNA

A RECEPÇÃO DE *O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*, DE LIMA BARRETO,  
POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE MARINGÁ

Dissertação apresentada à Universidade  
Estadual de Maringá, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Letras,  
área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alice Áurea Penteado Martha

MARINGÁ  
2012

MARLENE CECILIA CASTAGNA

A RECEPÇÃO DE *O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA*, DE LIMA BARRETO,  
POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO DE MARINGÁ

Dissertação apresentada à Universidade  
Estadual de Maringá, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Letras,  
área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alice Áurea Penteadó Martha  
Universidade Estadual de Maringá-UEM  
Presidente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Marilurdes Zanini  
Universidade Estadual de Maringá-UEM

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Vera Teixeira Aguiar  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS/ Porto Alegre-RS

## Dedico este trabalho

Aos meus pais, Paulino Castagna e Maria Salete Morais Castagna, pelo exemplo de vida, por sempre acreditarem em meu potencial, pelo incentivo e pelo amor que sempre foi e sempre será o fio condutor de minha existência.

A meu irmão Ronie, companheiro de todas as horas, e à minha irmã Ana Paula, pela amizade, incentivo e carinho.

Aos meus filhos, Marcelo e Patrícia, pela confiança em meu trabalho e por entenderem minhas ausências.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois foi sua graça que me levou a encontrar professores competentes e companheiros nesta jornada.

À professora Alice, meus sinceros agradecimentos, não apenas pela orientação firme e segura demonstrada na elaboração deste trabalho, mas também pelo incentivo, confiança e amizade durante os anos de convivência.

À banca examinadora, meu reconhecimento e gratidão pela valorosa contribuição.

À professora Rosa, pela grande amizade, pelos conhecimentos compartilhados e pela confiança depositada.

Ao professor Aécio, pela amizade e ensinamentos.

A todos os alunos e professores que participaram da pesquisa, meu afeto e minha eterna gratidão.

Há homens que lutam um dia e são bons.  
Há outros que lutam um ano e são melhores.  
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.  
Porém, há os que lutam toda a vida.  
Estes são os imprescindíveis.  
(Bertolt Brecht)

## SUMÁRIO

	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>11</b>
<b>1</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
1.1	Da leitura da ficção à ficção da leitura .....	15
1.2	Da proibição para a popularização .....	18
1.3	O espaço de leitura regulamentado .....	20
1.4	Especificidades da literatura no espaço escolar .....	22
1.5	A contribuição de Jauss com sua Estética da Recepção .....	24
1.6	Do alargamento da leitura para os limites da literatura.....	27
1.7	A leitura e sua função social .....	28
1.8	Leitura,literatura e recepção.....	30
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>32</b>
2.1	Natureza da pesquisa .....	32
2.2	Objeto de pesquisa .....	33
2.3	O local da pesquisa .....	34
2.4	A construção da oficina .....	35
2.5	Base de dados .....	38
<b>3</b>	<b>LEITURA DE O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA ....</b>	<b>42</b>
3.1	Um cidadão quase previsível .....	42
3.2	Um patriota incompreendido .....	43
3.3	Ricardo Coração dos Outros: o fiel escudeiro .....	45
3.4	Policarpo, um cavaleiro andante .....	46
3.5	Os leitores .....	48

3.6	As figuras femininas .....	50
<b>4</b>	<b>A OFICINA DE LEITURA .....</b>	<b>53</b>
4.1	Construindo a oficina .....	53
4.2	Os leitores pesquisados .....	56
4.3	Aspectos econômicos .....	60
4.4	O meio familiar e a influência na formação do leitor .....	61
4.5	A leitura como prática social .....	63
4.6	O espaço escolar e sua influência na formação do leitor .....	64
4.7	A importância da leitura literária para profissão.....	70
4.8	Fechando a oficina.....	74
4.9	A proximidade da ficção e a realidade .....	76
4.10	A barreira da linguagem .....	77
4.11	As interferências do meio social .....	78
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>82</b>

## RESUMO

Esta dissertação relata uma pesquisa que se propôs a analisar a recepção de obra canônica, em uma oficina de leitura, por alunos do Ensino Médio de duas escolas da Rede Estadual de Ensino, na cidade de Maringá (Pr). Essa pesquisa justificou-se pelas dificuldades encontradas no espaço escolar em trabalhar a leitura visando a um objetivo acadêmico, ou seja, uma leitura procurada e lida por alunos que pretendiam ingressar na Universidade, pretensão cada vez mais comum entre alunos de escolas públicas. Verificamos que *O Triste fim de Policarpo Quaresma* figurava na lista de indicação de leitura para os dois concursos: o PAS, Programa de Avaliação Seriada e o concurso convencional. Decidimos pela obra, em especial, por essa dupla indicação. A opção por duas escolas estaduais justifica-se na garantia da paridade institucional de pesquisa. O objetivo desta é investigar as reações dos jovens frente à oficina de leitura, contextualizada segundo a realidade sociocultural de cada um. A coleta de dados para a pesquisa foi feita por meio da aplicação de uma oficina de leitura, balizada pelos níveis de leitura descritos por Hans Kügler. A Estética da Recepção e a Sociologia da Leitura fundamentam a pesquisa. Os resultados apresentados sinalizam que a formação do leitor abrange muitas perspectivas: o espaço institucional, a origem social do leitor e a qualidade das experiências com o espaço acadêmico. As perspectivas consideradas o espaço institucional e o trabalho destinado à preparação para o acesso ao Ensino Superior. Entretanto, a leitura canônica começa receber uma abordagem inferior ao que prevê a literatura pesquisada como o ideal para a formação de um leitor. A recepção de leitura segundo apontam os resultados obtidos neste trabalho, recebe significativa influência do meio social dos leitores.

Palavras-chave: Formação do leitor, espaço escolar, níveis de leitura.

## ABSTRACT

This dissertation shows a research that aims at analyzing the reception of the canonical work *O Triste fim de Policarpo Quaresma* in a Reading Workshop with the attendance of students from the State High School in the city of Maringá, state of Paraná, Brazil. The research emerged from the observation of difficulties found in the school when working on the reading aimed at an academic purpose, a reading that is sought and read by students who wanted to attend the University, an intention that is becoming increasingly common among students of public schools. We noted that the work in question was in the list of indicated readings for two examinations: The PAS, Serial Evaluation Program, and the conventional University entrance examination. We decided for that work in particular due to this double indication. The option for two State schools is justified by the need for ensuring the institutional parity of the research, which sought to investigate the reactions of the young students in face of a reading workshop contextualized in accordance with the sociocultural reality of each one. The methodology of the research for data collection was based on the implementation of a workshop guided by the reading levels described by Hans Kügler. The Reception Aesthetics and the Sociology of Reading were the theoretical foundations of the research, which presented results that indicate the education level of the reader with coverage of many perspectives, such as the institutional space, with emphasis on the preparation to enter the University, the social origin of the reader and the quality of the experiences with the academic space. However, the canonical reading is starting to receive an approach that is poorer than the ideal for the formation of a reader as provided in the studied literature. According to the results obtained in this work, the reception of the reading has a strong influence of the social difference between readers.

Keywords: Reader education, the school, reading levels.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação apresenta resultados de pesquisa qualitativa interpretativa sobre a recepção de leitura por alunos do Ensino Médio de *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. O trabalho surgiu de um questionamento recorrente sobre a formação do leitor: o que pode motivar a leitura do jovem no espaço escolar? Esse tempo de reflexão corresponde a quase vinte anos de magistério, voltados à formação de jovens leitores. Vários métodos de ensino foram utilizados para o trabalho com leitura durante toda a trajetória como docente, assim como tentativas para definir um encaminhamento diretivo satisfatório.

Contudo, pesquisas sobre o desempenho do leitor em nosso país mostram dados alarmantes, quando há uma reflexão séria sobre esse tema. Entendemos que o desempenho do estudante abarca diversas variáveis, entre elas, a necessidade de mais estudos e pesquisas direcionados à formação de jovens leitores no espaço escolar. Essa constatação foi uma das motivações para executar a pesquisa que ora se apresenta. No trabalho com formação de leitores, percebemos que há necessidade de mais produções destinadas a investigar como se dá o trabalho de formação e, também, a apontar caminhos para a obtenção de resultados mais produtivos, considerando situações variáveis com as quais estamos lidando no contexto escolar contemporâneo. Ao ingressarmos no mestrado, a escolha da linha de pesquisa Campo Literário e Formação de Leitores foi a oportunidade para coletar dados, observar e tentar direcionar respostas ou caminhos para a formação acadêmica de jovens leitores no sistema escolar brasileiro.

Para refletir sobre a recepção da obra de Lima Barreto no Ensino Médio, direcionamos nosso olhar para o sistema escolar brasileiro como um todo, visando a uma retomada da base teórica de nossa formação. O Brasil sofreu grande contribuição do Positivismo, cujas ideias influenciaram a concepção de ensino em nosso país, a qual era alicerçada na tese de Comte, que considerava a organização e a ordem como elementos essenciais para o crescimento. Até hoje podemos constatar um *rol* de conteúdos definidos por uma lógica de progressão, em que se entende a sequência de trabalho didático ligada a um desempenho satisfatório do sistema de ensino, não observando suas variáveis, como se observa:

A seita religiosa praticamente não chega a se propagar na França. Mas o amalgama político ideológico da religião positivista lançou raízes na América Latina: no Brasil, no Chile, no México. A revolução brasileira de 1889 será obra das seitas positivistas: desde então a bandeira brasileira tem a divisa: Ordem e Progresso. Benjamin Constant, o ministro da Instrução

pública nessa época, reforma o ensino de acordo com os pontos de vista de Comte (VERDENAL, 1974, p. 234 in ANDERY, 1988, p. 380).

Essa postura pedagógica provoca certa rigidez na definição de metodologia para o ensino de literatura e formação de leitor, pois engessa a oferta de material de leitura nas bibliotecas escolares. Em sua maioria, as bibliotecas escolares têm disponibilizado livros obedecendo a uma ordem de progressão que se convencionou estabelecer obedecendo ao grau de escolaridade de seus usuários. Esse procedimento pretende ter o mérito de adequar a leitura ao leitor; contudo, nega, já no primeiro momento, ao leitor a possibilidade de manuseio de todo o material e o exercício da escolha pessoal.

O quadro descrito é recorrente nas escolas pesquisadas e essa verificação aponta possíveis acertos ou falhas na formação do leitor. Assim sendo, esta pesquisa busca sinalizar, por meio da oficina de leitura, caminhos dentro da estrutura vigente que possam contribuir com o desempenho dos alunos nas atividades de leitura escolarizada. Nossa pesquisa tem como ponto de partida a organização da oficina e a escolha das obras já mencionada por isso escolhemos o material de leitura para a oficina de acordo com a ordem de indicação na disciplina Literatura Brasileira. A obra escolhida *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, está indicada para leitura aos alunos do Ensino Médio, no tópico referente ao Pré-modernismo.

O objetivo da dissertação é investigar a recepção da obra *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, por alunos do Ensino Médio, além de abarcar todos os aspectos que abrangem a formação de leitura, tendo a consciência de que isso é impraticável em um único trabalho de pesquisa. A escolha do tema considero dois fatores: o espaço escolar que, por excelência, valoriza o texto canônico, e também o interesse cada vez maior dos jovens em ter contato com esse tipo de texto a fim de facilitar o ingresso o Ensino Superior. Considerando o ultimo aspecto citado, fizemos o levantamento da bibliografia indicada para o concurso vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM), a qual foi escolhida pelo aumento de interesse dos jovens da região em ingressar nessa instituição, bem como por termos uma referência de leitor por ela esperado. Além disso, é valido salientar que a UEM aderiu ao Programa de Avaliação Seriada (PAS), contemplando o interesse de ingresso de grande parte dos alunos do Estado do Paraná. Frente a essas considerações, optamos por uma indicação bibliográfica que estivesse simultaneamente nas indicações de leitura do Programa de Avaliação Seriada e do concurso convencional de ingresso.

Realizar uma pesquisa de um tema relevante e amplamente estudado requer considerar algumas situações recorrentes no espaço escolar e, concomitante entender a relação existente entre o que se pretende ensinar e o que realmente se aprende. A importância da formação de leitores se revela no investimento educacional em programas de leitura. Durante muito tempo, os investimentos em leitura eram destinados exclusivamente à aquisição de livros didáticos. Em 1997, foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Escola- PNBE, o qual substituiu programas anteriores destinados à leitura. O PNBE iniciou sua atuação com aquisição de acervo para as bibliotecas escolares de suporte teórico destinado aos professores dos ensinos Fundamental e Médio. No período de 2001 a 2003, a ação do PNBE é direcionada à doação de acervo particular aos alunos da rede pública, por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola - Literatura em Minha Casa e Palavra da Gente. Nesse período, os estudantes das escolas pública recebem um kit contendo entre quatro ou cinco exemplares. A justificativa desse projeto foi a ausência de material nos domicílios para a realização de leituras tanto da criança quanto de seus familiares como meio de estimular o hábito. O programa teve seus méritos, entretanto o acervo das bibliotecas escolares ficou debilitado e o MEC retomou a distribuição de material coletivo. Nesses programas, não houve a implantação de uma política de formação de leitores diretiva e eficaz, conforme demonstram os índices de rendimento de escolaridade no país nos diferentes programas avaliativos destinados a esse fim.

A influência do entorno social para a compreensão da obra pelo leitor, segundo Antonio Candido (1985), aponta para uma linha de pesquisa que individualiza o diálogo obra-leitor considerando a perspectiva social. Esse olhar para o momento em que o processo de leitura torna-se único é também descrito por Iser (1996), na Teoria da Recepção, quando ele pontua que o horizonte de expectativas difere de leitor para leitor e se ressignifica a cada nova leitura para o mesmo leitor, o que nos permite dizer que a necessidade de estudos no que tange à formação do leitor é imensurável.

A escola pública pela diversidade social, econômica e cultural de sua clientela é, ao nosso ver, o local propício para uma pesquisa sob esse recorte. Tal diversidade encontrada no espaço escolar deve-se à democratização do acesso à escola, a qual era bastante esperada, mas não havia preparo para que ela, de fato, fosse efetivada. Dessa forma, houve já no início um comprometimento com a qualidade do leitor formado. A função de alfabetização e de letramento não encontrou no novo público a homogeneidade com a qual sonhava, nem a que havia anteriormente, por isso foi construída uma nova metodologia de ensino. Assim, a base escolar sofreu uma grande transformação, ocasionando falhas na formação acadêmica do

novo publico, devido às poucas discussões acerca do tema. Nesse sentido, a participação efetiva do docente, que estava recebendo a incumbência de trabalhar com essa diversidade econômica, social e cultural, fica aquém da esperada para que houvesse um trabalho embasado teoricamente, apesar da grande produção de estudos bibliográficos e de debates na academia.

A discussão que norteou esta pesquisa é, a nosso ver, de interesse para formadores de leitor e a base bibliográfica aborda assuntos do cotidiano escolar. É válido ressaltar que a descrição da metodologia apresentada, os procedimentos e descrição de como realizamos a oficina de leitura não são inéditos, porém pelo caráter individual de cada momento de leitura, oportunizam uma nova perspectiva de discussão.

O arcabouço teórico do trabalho constitui-se de concepções da Sociologia da Leitura, da Estética da Recepção e da Teoria do Efeito e, para a coleta de dados de pesquisa, optamos pela aplicação de uma oficina de leitura, a qual será tomada no sentido de espaço em que se observam as reações a diversos estímulos e quantificam resultados de acordo com a instrumentalização e a população observada. Esse trabalho foi realizado considerando a observação dos níveis de leitura descritos por Kügler (1987). As etapas do método proposto por esse autor possibilitaram observar a recepção e a apreensão de leitura distribuída em níveis definidos, permitindo, assim, a apresentação de dados consistentes para uma análise qualitativa segura.

A dissertação está dividida em quatro capítulos, além das Considerações Iniciais, Considerações Finais, Referências e Apêndices. No primeiro capítulo, de caráter bibliográfico, há uma breve retrospectiva da história da leitura e a fundamentação teórica sobre estudos e concepções de leitura, as quais constituem o arcabouço teórico da pesquisa. No segundo, apresentamos a metodologia de pesquisa da oficina de leitura, escrita de caráter descritivo na qual estão listadas as condições de aplicação da oficina, o perfil dos alunos envolvidos, o cronograma utilizado e as intervenções feitas pela pesquisadora. No terceiro capítulo, apresentamos a leitura feita pelas pesquisadoras da obra trabalhada. No quarto capítulo há descrição e análise dos resultados coletados durante a realização da oficina de leitura a nossa conclusão.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica que abarca o objeto de estudo desta pesquisa resgatou as raízes históricas da importância da escrita em nossa sociedade e, concomitante, da leitura. Também, nos fundamentos em estudos sobre a Recepção da Leitura e da Sociologia da Leitura. Esses estudos nos permitiram a organização da logística da pesquisa e nos forneceram base para discutir o papel da sociedade na formação de novos leitores. Nosso estudo pretende mostrar que as ações políticas e pedagógicas formativas fossem entendidas como uma reação a uma demanda social. Nesse caminho, apresentamos alguns significados dados à leitura ao longo do tempo, tanto no uso real como na maneira pela qual ela foi empregada e relida pela ficção.

### 1.1 Da leitura da ficção à ficção da leitura

A leitura esteve acompanhada historicamente por posições controversas e, durante muito tempo, foi considerada uma atividade que pervertia ou trazia más influências aos leitores. Essa concepção tem raízes históricas, pois Platão rejeitava a ideia de que a escrita deixaria os homens mais sábios, visto que acreditava que a escrita os faria dependentes. A memória e o exercício de raciocínio seriam esquecidos e os sábios não seriam mais sábios, pois o conhecimento por meio de registro de outros não era o conhecimento produzido por ele e, sim, resultado do esforço alheio. A escrita, ao manter registro das descobertas, é considerada por Platão como estímulo à falta de esforço para a construção de novos conhecimentos. A própria literatura faz paródias sobre essa visão negativa que a leitura exerce sobre o leitor.

A aceção platônica da escrita e, por conseguinte, a ação nociva da leitura sobre o leitor é retomada em outras épocas. A Inquisição é um exemplo disso, pois ela ratifica a posição milenar de Platão. A história da escrita e a posição platônica tomada quanto a influências negativas exercidas sobre o leitor foram retomadas e parodiadas por outros autores, entre eles Cervantes com seu imortal *D. Quixote*. A obra publicada em 1605, época em que a imprensa difunde e populariza a publicação de livros, o ato de ler recebe críticas, porém o momento histórico difere a motivação desse descrédito dado à leitura. Nessa época, a intenção era controlar e restringir o material lido a certo segmento social, por isso, já no século XVII, no auge da difusão de material impresso, surge nítida a ideia platônica da

subversão do leitor. D. Quixote, a personagem título, é um leitor que prefere a leitura a outras atividades, e, por esse motivo, é considerado fanático.

A posição de Cervantes teve precursores no período da Contra Reforma, época, em que a leitura foi censurada. Esse caráter de subversão dado historicamente para leitura de obras ficcionais reaparece em pleno século XX. Flaubert (1971), em *Madame Bovary*, mostra uma leitora iludida por amores impossíveis, envolvida por aventuras românticas ficcionais. O descontentamento de Ema, semelhante ao de D. Quixote, deve-se em grande parte à influência que a literatura ocupa na vida de ambos os personagens. Felizmente, a influência da leitura no século XX, tanto na ficção europeia quanto na brasileira, começa a apresentar aspectos positivos:

As afinidades eletivas, de J.W. Goethe, quanto na brasileira: em *Lucíola*, de José de Alencar, o casal que protagoniza a história, Paulo e Lúcia, lê e discute Chateaubriand e Dumas Filho; em *A mão e a Luva*, de Machado de Assis, retratam-se serões noturnos permeados de leituras coletivas; em *Helena*, também de Machado de Assis, a heroína oferece-se para ler em voz alta os folhetins preferidos de D. Úrsula. Assim, a leitura em grupo e em voz alta colabora para a socialização das pessoas e assinala o modo de convivência familiar (ZILBERMAN, 1986, p. 29).

*O Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, um romance do século XX, traz uma imagem de leitor interessante. A personagem título é leitor assíduo, mal visto pelos vizinhos por causa desse hábito. A reprovação, no caso de Policarpo, é devido à falta de formação acadêmica. A imagem apresentada por Lima Barreto é uma contradição à ideia de Platão, pois a leitura para a personagem é fonte de conhecimento. Lima Barreto representa, pela ficção, uma época em que a leitura era reconhecida tanto como marca de um *status* elevado de conhecimento, como também pelo papel de restringir o seu acesso a uma elite acadêmica. Essas considerações históricas nos permitem mensurar o quanto o papel social da leitura esteve presente na formação de nossa sociedade.

Nas obras ficcionais citadas, o destaque dado a um elemento importante da atividade de leitura: o leitor sugere a intenção de lançar um novo olhar sobre o preconceito com que era vista a leitura. Houve uma contribuição significativa considerando que a leitura esteve presente em toda a nossa história. A literatura, além de arte, assume o papel social de demonstrar alguns conceitos preconceituosos vigentes na época na qual se pode citar a existência de uma leitura sexista. A literatura destinada ao público feminino era a ficção romântica que tratava de amores impossíveis, grandes heroínas vivendo amores que desafiavam a moralidade e os costumes. Esse tipo de leitura retrata, na ficção, a influência

considerada negativa que exercia sobre as leitoras. A personagem Ema Bovary, de Flaubert, vive a ilusão dos amores ficcionais essa imagem mostra como a leitura destinada ao público feminino tinha caráter alienador. Felizmente, não se mantém essa divisão de estereótipo que mostra a leitura feminina voltada apenas para situações românticas e a literatura destinada ao público masculino mais racional. Segundo Zilberman:

[...] as leituras preparam as mulheres para a aventura amorosa, adúltera ou não. A circunstância de eu é no interior de um livro que aprendemos essa lição parece não preocupar o autor, pois a obra propõe-se como leitura saneadora e regeneradora. Madame Bovary pode não ter se integrado a algum movimento moralista, embora alvo de processo judicial na França conservadora do tempo de Luís Napoleão; mas *O primo Basílio* e *A Normalista* posicionaram-se na linha de gente das lutas republicanas e socialistas vividas em Portugal e no Brasil nas décadas finais do século XIX. Denunciar práticas alienantes que deixavam o público leitor acomodado, especialmente quando pertenciam à burguesia e eram mulheres entorpecidas pela rotina doméstica, fazia parte da doutrina naturalista, executada religiosamente pelos autores dos romances citados (ZILBERMAN, 1986, p. 36).

O conceito de que a leitura produzida para o público feminino é alienadora tem efeito contrário ao esperado. Dessa forma, a leitura de livros que não sejam de ficção, se feita por mulheres, era tida como uma forma de desvirtuar o perfil feminino. Olga, personagem de *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, não corresponde ao perfil de uma leitora com interesses próprios a seu gênero. As suas escolhas de leituras são qualitativamente superiores à da população feminina que lhe é contemporânea. A maneira com que a personagem se relaciona com seu entorno social demonstra essa influência literária, um dos motivos é ela não encarar o casamento como objetivo maior de vida, pois essa não é uma das suas prioridades. Ela também compreende e admira as ideias do padrinho Policarpo contrariando outras personagens. Em alguns casos, a ficção retrata o isolamento da leitora audaz. Em *O Quinze*, Raquel de Queiroz mostra Conceição, uma jovem cujas leituras versam sobre o socialismo. Essa opção traz consequências negativas para a personagem numa sociedade estratificada com valores culturais preconceituosos. Segundo Zilberman:

O fato, contudo, de revelar pendores intelectuais afasta a moça do grupo: acaba rompendo o noivado com Vicente e teme ficar solteira, por falta de comunicação entre ela e os demais jovens com os quais convive (ZILBERMAN, 1986 p. 38).

A leitura, pelo efeito de descoberta e de raciocínio que produz no leitor, despertou historicamente desconfiança por parte das instituições. A razão dessa dúvida foi

historicamente guiada pela incerteza de quais seriam efetivamente os efeitos que a leitura produziria na população. As necessidades econômica e ideológica de controlar a leitura trouxeram, não raras vezes, resultado distante do almejado, assim, a maneira como o leitor apareceu registrado na ficção foi nossa primeira escolha, pois, ao focar a recepção de leitura, faz-se necessário buscar modelos de leitores reais ou ficcionais a fim de termos parâmetros para procedermos nossa comparação e verificação desses modelos com nosso grupo de pesquisa.

## 1.2 Da proibição para a popularização

Darnton (1998), em *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*, faz uma investigação documental abrangente sobre o sentido conotativo dado à leitura como fonte de subversão do cidadão leitor. Em seu estudo, o autor ratifica a leitura como elemento de controle do Estado, porém desmistifica que seja uma ação exclusivamente ideológica com intuito de proteger o cidadão de se contaminar pela leitura proibida. Os censores mapeados na pesquisa de Darnton tinham algumas vantagens, dentre elas, era aproveitar-se do efeito de uma condenação de leitura para, de alguma forma, obter lucro:

Ao rasgar e queimar livros proibidos no pátio do Palais de Justice, em Paris, o carrasco prestava homenagem à força da palavra impressa. Geralmente, porém destruía cópias espúrias, enquanto os magistrados detinham os originais - e eram pródigos em seus autos-de-fé que em geral se acredita. Sabendo que nada promovia melhor as vendas do que uma boa fogueira, preferiam apreender livreiros com o mínimo de estardalhaço. Segundo uma estimativa, as autoridades condenaram em média apenas 4,5 livros e panfletos nas décadas de 1770 e 1780 e publicamente queimaram só dezenove (DARNTON, 1998 p. 19).

A condenação de determinados tipos de livros e as perseguições ideológicas suscitavam o interesse por aquele tipo de leitura e aumentava o contingente de leitores. Darnton (1998), em seus estudos, analisa a leitura e os efeitos causados no leitor, pensando em perspectivas de conotação política e econômica. O autor apresenta a leitura como suporte intelectual e ideológico para o cidadão da França pré-revolucionária. Contudo, a Revolução Francesa foi, segundo o referido autor, um episódio histórico muito complexo. Darnton não tira os méritos da influência que a leitura tenha exercido sobre os leitores franceses; entretanto, ressalva que o conjunto histórico, econômico e político somado a um cidadão informado é que foi crucial como influência da leitura nesse episódio histórico:

No conjunto, toda essa literatura constituía uma denúncia maciça contra o regime. História, biografia, jornalismo e maledicência se reuniam, visando o mesmo alvo: a monarquia Bourbon e tudo que a sustentava. [...] Os livros proibidos podem ter minado o regime ao abalar as raízes de sua legitimidade, mas não fizeram isso com o objetivo de destruí-lo. A maior parte dessas obras constituía simplesmente uma resposta a demanda no setor ilegal do mercado literário- a demanda por informações e também por excitação, a curiosidade pela historia contemporânea e também pela vida íntima, a fome de notícias e também do fruto proibido do pensamento abstrato (DARNTON, 1998 p. 97).

O efeito nocivo sobre o leitor construído historicamente por Darnton (1998) guarda semelhança com a ficção de Lima Barreto, em *O Triste fim de Policarpo Quaresma*. No caso do romance brasileiro, os livros também são objetos proibidos, não pelo conteúdo, mas agora, o caráter subversivo está relacionado à falta de autoridade institucional do leitor. No caso, Policarpo representa o leitor não autorizado, pois não tinha a formação acadêmica exigida para garantir uma leitura instrutiva. Dessa forma, a censura à leitura continua em outra perspectiva, pois se é negado o direito de ler àqueles que não têm formação acadêmica, essa proibição corresponde a um sistema de exclusão semelhante ao que apresenta a pesquisa de Darnton (1998) na França pré-revolucionária. Considerando essa comparação, pessoas com formação acadêmica no Brasil do início do século XX, eram casos escassos. Guardados os pontos de contraste, cabe aqui também a conclusão de Darnton (1998): a leitura da personagem Policarpo não foi responsável pelo envolvimento dele em situações políticas delicadas. Contudo, a observação da situação social do país, o sentimento de nacionalismo e a consciência de sociedade que havia em Policarpo como cidadão tem na leitura um ponto de entendimento que o difere dos demais homens de seu tempo. Seu posicionamento direciona a questionamentos, a busca de soluções e a reflexão sobre o contexto em que vive. Essa situação tornou Policarpo um cidadão fora do controle do Estado.

A retomada do livro como objeto de perseguição que representa um perigo às instituições constituídas foi essencial para o entendimento paradoxal com que o leitor tem sido reconhecido historicamente. A pesquisa de Darnton (1998) contribui de maneira relevante, em especial quando o autor explica a interferência da leitura na tomada de posição do leitor em seu meio social. Ele ainda afirma que a leitura em si não é revolucionária, mas por meio dela o leitor se torna consciente de sua situação, entende melhor o ambiente onde vive, e quando tem uma formação cultural maior, é essa consciência que desperta seu posicionamento.

### 1.3 O espaço de leitura regulamentado

O controle que o Estado tentou exercer ao direcionar o leitor e censurar material de leitura explica a real necessidade de um sistema que pudesse controlar a formação intelectual do cidadão. Houve a necessidade de se criar um método para supervisionar o acesso à leitura. Essa supervisão vem na forma de autorizar a leitura via academia. E para continuar nossa discussão, faremos uma breve retomada da questão do espaço escolar e sua função de conferir autoridade ao leitor.

Definir a real necessidade da mediação de leitura é parte da compreensão de que um leitor, ao entrar em contato com o material escrito, recebe vários tipos de influências as quais constituem as mediações que uma pessoa recebe em sua vida e a atitude adotada ante o ato de ler; portanto, a mediação de leitura foi entendida como fator essencial para formação do leitor. A exposição mediadora ocorre de maneira natural numa sociedade letrada como a nossa. O ser humano desde muito cedo está exposto a fatores que determinam sua maneira de pensar. São influências sociais, políticas, econômicas, culturais e ideológicas.

A escola, como espaço de mediação institucional, abrange de forma ampla esse campo de exposição. O ingresso no espaço escolar constitui o momento de aprendizagem de signos linguísticos, instrumento primordial para leitura. Além disso, é necessário considerar que a criança é um leitor diferente do adulto, por isso mediar a leitura desde a tenra idade e poder direcionar a formação do leitor ganha um interesse gradual do governo, visto que uma ação assertiva gerada na educação pode refletir no contexto social, econômico e político de um país. O sucesso numa política educativa apresenta resultados palpáveis, se considerarmos um dos objetivos da formação do leitor: contribuir como força de trabalho para sociedade. Dessa forma, a escola priorizou, em determinado momento histórico, a instrumentalização do leitor para que ele se tornasse mão de obra produtiva, porque a instrução escolar, nesse contexto, almejava à leitura funcional.

A leitura do texto literário, no entanto, não perde sua importância para a formação cultural acadêmica. Atualmente, a escola que por excelência é o espaço de mediação de leitura não está dando conta dessa tarefa, especialmente do texto literário, pois esse gênero de leitura vai muito além da decifração de signos linguísticos, os quais pressupõem conhecimentos históricos, concepções sociais e têm no caráter polissêmico sua marca registrada. A mediação no espaço escolar como aglutinador dos valores grupais tem função relevante para leitura, em especial do texto literário. Segundo Aguiar e Bordini (1993):

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um background cujas raízes estejam nesse ambiente. (AGUIAR & BORDINI, 1993, p.16)

A mediação de leitura do texto literário no espaço escolar é um processo complexo, especialmente em se tratando de jovens leitores, por isso a necessidade de trabalhar essa leitura se depara com a falta crescente de interesse dos leitores em formação e da incapacidade do Estado em gerir essa questão. Os objetivos de formar culturalmente uma pessoa para inseri-la como cidadã participante e histórica não é interesse do Estado, pois essa é uma meta a longo prazo, incompatível com a sociedade atual que vive um momento de imediatismo. Dessa forma, os objetivos são direcionados para solução de situações próximas ou para a concretização de um futuro acadêmico cada vez mais desejado: o Ensino Superior. A autorização de leitor proficiente e o *status* social de uma formação superior representam para muitos os objetivos de leitura no espaço acadêmico. O diálogo natural entre leitor e obra é, muitas vezes, desconsiderado. A literatura tão buscada, reprimida historicamente quando mediada pela escola não alcança sua função de formação.

A função de mediação escolar requer outros olhares sobre o ensino de literatura e direcionamento das estratégias de leitura a uma função social, ou seja, priorizar o processo de formação do leitor como ato de formação cultural. Caminho que pode se concretizar na conscientização de uma prática de leitura além do ambiente escolar. O trabalho de leitura constitui-se assim em um processo formativo do indivíduo. Segundo Aguiar e Bordini (1993):

Para que se assegure a continuidade do comportamento positivo em relação ao livro, é preciso que o hábito não seja apenas como um padrão rotineiro de resposta, automaticamente provocado e realizado. A busca frequente da literatura precisa surgir de uma atitude consciente, da disposição de enfrentar o desafio que o texto oferece como nova alternativa existencial. (AGUIAR & BORDINI, 1993, p.18)

Além de observações sobre o desenvolvimento do aluno-leitor, cabe como objetivo na sua formação que a leitura se faça sedutora e, conseqüentemente, que novas leituras sejam buscadas. Assim, a escola como espaço formador está aquém do desejado e se faz necessário pensar no interesse do leitor, além de respeitar seu caminho cognitivo. Considerar esses aspectos apresenta-se como uma alternativa para a formação de leitores. Contudo, é

necessário não se perder o discernimento de que a formação do leitor por meio institucional obedece a outros interesses além da função cognitiva.

#### 1.4 Especificidades da literatura no espaço escolar

A história da literatura perde o sentido em mostrar seu percurso e se volta sobre si mesma, incorrendo no equívoco de pretender que a história seja a própria literatura. A obra literária passa a ser considerada descolada da recepção em sua época e, com isso, são consideradas somente as condições de produção cronológicas, a inserção na academia e a aceitação de críticos da época. Essa linha de pensamento permanece até o século XX. Há nesse fundamento, a presença de uma linha positivista de pesquisa, segundo Jauss (1994):

A historiografia literária positivista acreditava estar fazendo da necessidade uma virtude ao tomar emprestados os métodos das ciências exatas. O resultado é bastante conhecido: a aplicação do princípio da explicação puramente causal à história da literatura trouxe à luz fator apenas aparentemente determinante, fez crescer em escala hipertrófica a pesquisa das fontes e diluiu a peculiaridade específica da obra literária num feixe de influências multiplicáveis a gosto. O protesto não tardou a chegar. A história do espírito apoderou-se da literatura, contrapôs à explicação histórica causal uma estética da criação irracional e buscou nexos na poesia na recorrência de ideias e motivos supratemporais. (JAUSS, 1994, p.13)

Dessa forma, para Jauss (1994) a negação do valor da história da literatura no viés que conhecemos hoje se deve, em grande parte, à metodologia como é abordada. O autor afirma que os críticos levantam dados literários considerando vida e obra de autores já consagrados e relegam ao esquecimento autores considerados menores. Não se acrescentam informações novas ao que já está preestabelecido, apenas perpetua a cronologia existente tornando o esforço desses críticos inócuo. Dessa forma, a literatura e seu valor histórico são igualmente desvalorizados. Jauss (1994) ainda afirma que o valor estético de uma obra literária independe da biografia ou do contexto histórico do autor. Esse valor está intimamente ligado à recepção que uma obra recebe do público e da resignificação da leitura na posteridade. Porém, não há como negar que a história da literatura tem sua importância ao considerar a perspectiva de abordagem da investigação para o entendimento do percurso da construção de sentido do objeto estético, valorizada ou mesmo desvalorizada por determinado grupo, é um caminho que proporciona elementos históricos para constituição de valores. Segundo Humboldt (apud, JAUSS, 1994, p.10) um historiador da literatura se consolida quando “encontra aquela ideia fundamental que atravessa a própria série de acontecimentos

que ele tomou por assunto neles manifestando-se e conectando-os aos acontecimentos de mundo” e *A história da literatura como provoca cação a teoria literária*.

Esse novo percurso estabelece um abismo maior entre contemplação histórica e a contemplação estética da literatura. A escola positivista destaca estudos da Sociologia da Leitura e o método imanentista. Os estudos de Jauss (1994) focam as escola marxista e a escola formalista e as contribuições delas para a construção do panorama histórico crítico da pré-história da ciência literária atual. Esse percurso aponta direções de como a formação do leitor é vista no espaço acadêmico, assim como a influência recebida dessas escolas.

A escola literária marxista procura nexos entre a realidade social e as implicações literárias e seus conceitos ficam na superfície de uma pesquisa científica. De acordo com Jauss (1994), esse panorama se modifica quando os marxistas tentam definir a função da literatura como elemento constitutivo da sociedade. Eles partem do princípio que a sociedade determina a natureza humana. Com isso, a escrita literária passa a ter conotação de representação do pensamento em determinada fase histórica. É válido ressaltar também que as contradições humanas representam um momento específico de estilo e, dessa forma, é possível determinar o destinatário e a intencionalidade da obra. Ainda que, nesse segundo momento, a escola marxista consiga avanços, não atinge uma teoria fortemente articulada, pois nem sempre a literatura é retrato testemunhal de uma época histórica. Pode e, muitas vezes, assume a condição de negação e de fuga da realidade. Estes fatores não conferem homogeneidade à literatura levando a escola marxista a se perder e ficar presa a uma estética classista.

Em 1916, membros da Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética (Opaiz) alçam a literatura à condição autônoma de objeto de investigação, desvinculando-a de todo tipo de condicionantes históricos. Considerava-se, a partir desta data, apenas a forma estrutural, o objeto literário compreendido em si, como objeto de pesquisa. O conceito de percepção artística, diferenciação entre linguagem poética e linguagem prática, rompe definitivamente o vínculo entre literatura e vida. A recepção da arte não é mais uma fruição ingênua do belo, demanda que se diferencie a forma e conheça o procedimento. Este é um passo importante para que a crítica da arte seja vista de forma científica, duradoura e objetiva. A mesma escola literária que tira o foco da historicidade da literatura obriga-se a repensar seus conceitos porque a literatura não é determinada apenas sincronicamente, mas também diacronicamente. A escola formalista busca seu caminho na perspectiva histórica para entender a literatura e abandona a concepção básica de um processo linear e continuado. As escolas literárias vivem

o conflito e a contradição numa disputa constante pelo reconhecimento, porém a convivência pacífica de escolas diferentes é descartada pelos formalistas. Segundo Jauss (1994):

[...] compreender a obra de arte em sua história – ou seja, no interior da história da literatura definida como uma sucessão de sistemas ainda não é o mesmo que contemplá-la na história- isto é, no horizonte histórico de seu nascimento, função social e efeito histórico. O histórico da literatura não se esgota na sucessão de sistemas estético-formais; assim como o da língua, o desenvolvimento da literatura não pode ser determinado apenas de forma imanente, através de sua relação própria entre diacronia e sincronia, mas há de ser definido também em função de sua relação com o processo geral da história. (JAUSS, 1994, p.20)

Os avanços alcançados tanto pela escola marxista, que considera o encadeamento de fatos históricos e sua relação com a sociedade, quanto pela escola formalista, a qual compreende a evolução literária a partir da sucessão de sistemas, não consolidam até o momento uma maneira de estudar a literatura como fenômeno histórico sem perder o foco da literatura como objeto e instrumento de pesquisa simultaneamente.

As considerações sobre a conceituação de literatura merecem atenção especial em nossa pesquisa, pois entender a abordagem das duas escolas pesquisadas percebe-se a presença destas no modelo de leitor buscado nessas instituições. Os manuais didáticos balizados por uma abordagem marxista veiculam a historiografia do autor e fatores sociais que podem de alguma maneira, contribuir para a produção artística. Por outro lado, nesses mesmos manuais, o trabalho dirigido de interpretação aparece de maneira notória uma abordagem formalista, apresentando a estrutura textual como única fonte de entendimento do texto.

### 1.5 A contribuição de Jauss com sua Estética da Recepção

Superar o abismo entre história e literatura, segundo Jauss (1994) requer contribuições tanto da Escola Marxista quanto da Escola Formalista. A proposta de Jauss (1994) é que seja dada importância igualitária tanto ao caráter estético da literatura, quanto à sua função social: a dimensão da recepção. Os marxistas consideram a situação histórica de produção e a posição social que o autor ocupa. A escola formalista ocupa-se do leitor como receptor que depende de orientações do texto e de conhecimento histórico para compreender ou não uma obra literária.

A recepção da leitura iguala a experiência do objeto artístico ao interesse científico do materialismo histórico, ou seja, nas duas escolas, o texto é ponto de partida. Na proposta marxista, o leitor deseja desvendar relações entre a estrutura social e as bases, enquanto o leitor para escola formalista é alguém por quem o conhecimento sistemático da história, da estrutura de linguagem literária é visto como aptidão para desvendar os mistérios do texto literário. Não é preciso fruição estética ao leitor, a leitura só demanda conhecimento formal. Jauss (1994) considera incompleta essa competência e defende que tanto o caráter artístico como a historicidade de uma obra artística são desvendadas na relação dialógica entre literatura e leitor. Na recepção, o leitor atribui valor estético à obra lida comparando com leituras anteriores. As implicações históricas se dão nesse mesmo momento, pois há uma cadeia de recepção, a comparação de geração a geração e a qualidade de uma obra. Segundo o autor:

A implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores terem continuidade e enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética (JAUSS, 1994, p. 23).

A fundamentação metodológica da história da literatura é discutida nas sete teses de Jauss (1994) sobre a Estética da Recepção. Examinamos pontos significativos dessas teses para nossa pesquisa. Na primeira delas, o autor defende que um historiador de literatura pode dar o valor estético a uma obra literária após passar pelo papel de leitor da obra e, posteriormente, esse pesquisador é capaz de fundamentar sua classificação a partir do ponto de vista de leitor. Para Jauss (1994, p.24), a literatura não é “a descrição objetiva de uma sequência de acontecimentos num passado já morto”. Esse conceito positivista falha tanto no aspecto histórico quanto no estético, porque a literatura não é um monumento a revelar monologicamente seu ser atemporal, ela se ressignifica a cada leitura. Ela se renova constantemente da ação dialógica texto e leitor, a história e aspectos filológicos abarcam a literatura de uma maneira simplista, negando aspectos artísticos relevantes da literatura:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. A soma- crescente a perder de vista- de ‘fatos’ literários conforme os registram as histórias da literatura convencionais é um mero resíduo desse

processo, nada mais que passado coletado e classificado, por isso mesmo não constituindo história alguma, mas pseudo-história (JAUSS, 1994, p. 25).

A literatura não pode ser confundida com a história, pois o caráter histórico dos fatos é determinante para se fazer o presente, enquanto a literatura não possui consequências que venham interferir na realidade. Ela é renovada toda vez que um leitor e obra têm novamente esse momento de diálogo, assim a atualidade da literatura depende da recepção que resultar dessa ação; seja uma forma de confirmar, de refutar ou de atualizar fatos para as gerações futuras. A literatura representa um movimento para aumentar o horizonte de expectativas do leitor.

Em sua segunda tese, Jauss (1994) alerta para a possível confusão entre a recepção de uma obra literária e o psicologismo, pois aquela se ressignifica a cada nova leitura e o conceito de objeto estético recebe variações. Quando surge uma obra, antes mesmo de sua leitura, há um processo de averiguação, de aceitação ou rejeição por parte dos leitores, de aproximação, de curiosidade despertada e só, então, a partir da leitura, a obra recebe seu valor. Essa aproximação faz com que o leitor não leia uma obra a partir de um ponto zero, pois há uma bagagem cultural que não pode ser esquecida, visto que ela é um fator relevante para emissão do juízo de valores. Além das questões já mencionadas, essa bagagem cultural pode estar ligada a fatores econômicos, sociais e/ou políticos. Esses fatores estabelecem um horizonte de expectativas, o qual é ativado e atualizado automaticamente a cada nova leitura. Determinantes como gêneros ou autores impulsionam a um juízo de valores e previsão do que esperar da leitura. Muitas vezes, esses pressupostos são usados exatamente para contradizer e quebrar a expectativa do leitor.

Na terceira tese de Jauss (1994), o autor faz referência à distância do horizonte de expectativa em relação ao objeto estético, ou seja, a primeira recepção do público seja de rejeição ou aceitação é que determina o valor estético da obra. Quanto mais uma obra se aproxima do Horizonte de Expectativa, mais terá caráter de nulidade, pois não afeta e nem traz surpresa para o leitor, isso deixa as expectativas estagnadas e, conseqüentemente, a obra perde seu fascínio. O processo contrário acontece se as expectativas do leitor forem superadas, porque há cada vez mais interesse e a obra adquire outro valor. Isso também acontece com aquelas consideradas clássicas, pois, pelo fato de elas passarem por um processo semelhante, há primeiro o momento de estranhamento e, posteriormente, torna-se óbvias. É uma constante o risco da obviedade tornar a obra muito próxima da expectativa familiar com o tempo. Normalmente, é nessa segunda expectativa que a obra se torna óbvia,

com outras possibilidades, é aqui que se delega *status* de clássico a ela. Há tantos fatores para se considerar uma obra como clássica que se torna complicado unificar padrões. Existem casos em que a época de publicação, o tema, a recepção por parte do público tiveram aceitação parecida entre as obras, porém uma fica presa ao seu tempo e a outra continua despertando interesse dos leitores por muito tempo. Exemplo dado por Jauss(1994) é *Madame Bovary*, de Flaubert e *Fanny*, de Feydeau, duas obras bem aceitas e polêmicas, mas que abordam um tema audaz para época: adultério. Todavia, enquanto *Madame Bovary* até hoje é lida e ressignificada, *Fanny* fica presa em seu tempo.

A contribuição de Jauss (1994) é relevante, pois o objeto de estudo é a recepção de leitura, um tema delicado e não queremos incorrer no equívoco de ficar na esfera do psicologismo; ou confundir literatura e história. Agregada a essas considerações, a importância dada ao leitor por Jauss (1994) é fator determinante para o uso dessa bibliografia. Ele discorre sobre a importância do Horizonte de Expectativa do leitor para o entendimento da obra, ponto que nos permite avançar na pesquisa. Nossa proposição é apresentar uma obra canônica, aqui referindo-se ao conjunto de romances oficialmente sancionados e, por meio de mediação em espaço escolar, coletar dados sobre a recepção desse tipo de leitura. Acreditamos que o leitor, mesmo em formação, ou, em especial, o que esteja em formação precisa experimentar todas as leituras para que possa definir suas escolhas.

#### 1.6 Do alargamento da leitura para os limites da literatura

O conceito de literatura, segundo Arnold Hauser (1977), comporta uma grande variedade de usos e significados semânticos tão ricos, mas ao mesmo tempo, incoerentes, tornando impossível aprender a literatura em uma única operação intelectual. Scarpit (1974) aponta diferentes elementos para conceituar literatura: a teoria da literatura e a sistematização da forma artística concebida de maneira abstrata, a história e o estudo diacrônico de um determinado número de textos históricos de toda índole e, por último, a crítica literária e o estudo analítico da obra e do grupo selecionados. Os objetos comuns da literatura representam uma seleção que caracteriza uma decisão cultural elitista. Scarpit (1974) enfatiza que uma operação seletiva só é digna do nome literatura se houver um valor literário: um mínimo de arte, pois, para o historiador, tudo é história e, para o crítico, tudo é literatura.

Retomando Hauser (1977), a especificidade da literatura fundamenta-se em razão de critérios limitados, juízo de valores e exigências objetivas. As outras obras de arte produzem

objetos e são percebidas diferentemente pelo sentido, além de serem interpretadas pela consciência. A produção escrita começa pela escolha da disposição das letras, fonemas, palavras, frases, ou seja, pelo processo inverso.

Sartre (apud ESCARPIT, 1974) aponta a contradição significado-significante, pois essa dualidade coisa-significação faz a literatura direcionar diversos significadores que levam a diversos significados, processo advindo da natureza híbrida da linguagem. A essa supersignificação o escritor, na medida em que é inventor de significados, deve manter o domínio de sua capacidade de seleção entre as diferentes possibilidades e o equilíbrio entre acomodação, sem os quais não há literatura, mas sim caricatura.

A literatura no século XX compreende a estrutura que permite à sociedade expor suas angústias por meio da linguagem, de forma que todas as suas manifestações são caracterizadas pela liberdade de fazer do escritor e pode oportunizar o aparecimento de uma antiliteratura, pois a relação significante/significado não é a mesma em uma língua ideológica e em uma língua analítica. Literatura tem sido concebida, às vezes, como ética antes de sê-la como estética. Portanto, não é possível limitar-se ao especificar literatura, é preciso considerar o conteúdo que pode ser implícito ou explícito.

A literatura como comunicação se difere das outras artes em nossa sociedade, caracteriza-se pela liberdade de escrever e pelo modo que se organiza no imaginário. Portanto, ela acontece não como algo percebido, para que exista é preciso um ato concreto: a leitura. Não há arte senão para o outro, no caso da literatura, a obra é concluída no ato da leitura. Tanto os escritores quanto os leitores são seres históricos e mantêm o contato histórico por meio do livro, caracterizado como um modo particular de comunicação. Ele passa a ser uma máquina de difundir a palavra, o objeto manufaturado no qual a comunicação está codificada e permite a democratização da cultura. O homem culto, que com o hábito leitura, tem condição privilegiada nesse contexto.

### 1.7 A leitura e sua função social

Candido (1973) afirma que, pela complexidade de uma obra literária, não se pode considerar apenas a realidade exterior para entendê-la e sugere pensar nos fatores sociais e nos fatores psíquicos para estudar de forma integrada esse tipo de obra. Pela complexidade de uma obra há muitos trabalhos voltados ao tema. Destacamos a tentativa de Auerbach (1987) de fundir os processos estilísticos com os métodos históricos sociológicos a fim de investigar

os fatos da literatura desfazendo a dicotomia tradicional entre fatores externos e internos. Nessa perspectiva, os elementos de ordem social são filtrados por meio da concepção estética para entender a singularidade e a autonomia da obra:

“ Para nós, a História é uma tentativa de reconstrução dos fenômenos no seu desenvolvimento, no próprio espírito que os anima, e desejamos que o historiador da literatura explique como determinado fenômeno literário pôde nascer, seja por influências antecedentes, seja pela situação social, histórica e política de onde se originou, seja pelo gênio peculiar de seu autor; e neste último caso, exigimos que nos faça sentir as raízes biográficas e psicológicas deste gênio peculiar.” (AUERBACH,1987,p.31)

Delimitar sociologia e literatura é essencial para entender o embricamento de uma e outra ao pensar o fenômeno literário e alguns de seus aspectos aglutinadores para a formação e a relação entre o artista e o meio. Cândido focalizando a importância da sociologia e da literatura, propõe a seguinte questão: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Esse questionamento leva ao estudo da circulação, do perfil do público, da influência interna que a obra de arte exerce em seu meio, tão importante quanto o inverso. Historicamente, essa questão tem sido pesquisada.

No século XVIII, filósofos sentem a correlação da literatura com as civilizações. Voltaire relaciona-a com as instituições; Helder com os povos, mas é Madame de Staël quem primeiro esboça a literatura também como um produto social. Porém, esses estudos não avançam do ponto de vista literário, pois há uma importância maior ao aspecto sociológico, tentando explicar a obra literária como descrição de modos de vida ou de interesse de classe.

Esses estudos, para os sociólogos modernos, têm a virtude de mostrar que a arte é social, depende do meio e do efeito que produz sobre os indivíduos, reforçando-lhes valores sociais. Contudo, a sociologia isolada acredita que a obra está acabada no momento em que repercute e atua, pois a entende como um sistema simbólico de comunicação inter-humano.

O simplismo a que se reduz a arte vista apenas sob o aspecto sociológico é constatado no momento da recepção pelo público, considerando assim a literatura com duas funções distintas, as quais podem ser agregadoras e segregadoras. A arte não pode ser considerada com uma classificação acabada, pois ela recebe e atua em proporções variadas segundo o jogo dialético entre expressão grupal e características individuais do artista. O entendimento do campo de atuação de arte abarca elementos fundamentais da comunicação artística: autor, obra e público.

A sociedade moderna atribui ao autor papel específico de criador de arte e define a importância da posição dele na escala social. Entretanto, em outras épocas a importância do artista não é reconhecida e o aspecto coletivo da criação recebe valor maior. No século XVIII, afirma-se que os poemas atribuídos a Homero seriam, na verdade, criação do gênio coletivo da Grécia. Hoje, superada essa concepção, críticos admitem que a obra exige, necessariamente, a presença do artista. E o caráter de arte coletiva está ligado à identificação de aspirações e valores de um tempo, a ponto de perder-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.

A obra depende do artista e das condições sociais que determinam a sua posição, sobretudo quando a fonte de inspiração está impregnada de valores sociais. Esses assumem nítido caráter ideológico, recebendo assim seu reconhecimento como arte. Da mesma forma que os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, porque elas podem ser imateriais ou associar-se a objetos materiais.

O público é o receptor de arte e a integra socialmente sob diferentes aspectos, valorizando ou desprestigiando o artista. Nas sociedades primitivas ou grupos rústicos, é menos nítida a separação entre o artista e os receptores. Porém, à medida que as sociedades se diferenciam e crescem em volume demográfico, o artista e o público se distinguem nitidamente. Na sociedade contemporânea, há vários públicos das artes, tendo como denominador comum apenas o interesse estético, porém a ação desse público é significativa sobre o artista, pois o reconhecimento demonstrado é importante para o autor e para a valorização de sua obra. Dessa forma, a tríade mencionada está estritamente ligada e não pode ser entendida senão num processo de integração.

### 1.8 Leitura, literatura e recepção

Na busca por embasamento teórico para nortear nosso trabalho, escolhemos a Sociologia da Leitura, a Estética da Recepção, a Teoria do Efeito, além da descrição metodológica dos níveis de leitura de Kügler (1987) descrito na metodologia. A Sociologia da Leitura ancorada nos estudos de Robert Darnton (1998) e Roger Chartier (1999), autores base para Antonio Candido (1973) sobre a influência do elemento social no momento da recepção nos permite estabelecer uma ligação entre o entorno social do leitor pesquisado e seu interesse por literatura. Interesse aqui tomado na acepção de que sentido a comunidade do leitor delega à prática de leitura, em especial à literatura. Nesse recorte, a importância da vida social nos conduz à concepção de que a arte produz um efeito no leitor ancorado na qualidade artística

da literatura, aliada ao contexto social do leitor. Para nosso trabalho, esse é um dado significativo. A Sociologia da leitura e a Estética da Recepção têm muito a contribuir na elaboração de nossa pesquisa, pois ao escolhermos duas escolas com características sociais diferentes, já apontamos o crédito dado a esse estudo. Um aporte que encontra em nosso entendimento uma questão produtiva.

Candido reafirma a importância da Sociologia como ciência auxiliar nos estudos de formação de leitores. O reconhecimento dessa importância nos aponta para a relevância do tema e, ao escolhermos a Sociologia da Leitura para nortear nossa pesquisa, consideramos a grande influência que as ações sociais e econômicas exercem sobre a formação de leitores. Na entrevista socioeconômica, é dado destaque a questões referentes ao contexto social do grupo de pesquisa com o intuito de detectar a influência do meio social na formação do leitor:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 1973,p.20-21)

Outra fonte bibliográfica é a Estética da Recepção, pois, ao pensarmos em formação do leitor, acreditamos que estudos voltados para avaliá-lo nesse processo comunicativo vem ao encontro de nossos objetivos:

A recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. (ISER, 1996, p.7)

Buscamos, entre outros interesses, uma avaliação qualitativa do leitor durante o processo de recepção de leitura. Definida a teoria de pesquisa, iniciamos a organização de uma metodologia que nos permite colher os dados necessários ao nosso estudo. Dividimos o trabalho em dois momentos: a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso. No capítulo seguinte, apresentamos a metodologia usada em nosso trabalho.

## 2. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos a descrição das etapas de elaboração e desenvolvimento da pesquisa. Esse trabalho inicia-se pela justificativa da escolha de instituições públicas. Essa escolha considera questionamentos pessoais e profissionais, pois apesar das extensas pesquisas sobre a formação de leitores, a discussão ainda oferece margem a muitos outros trabalhos, seja pela abrangência do tema ou por falta de pesquisadores interessados em estudar essa linha. Pesquisas voltadas para a formação do leitor em espaço escolarizado envolvem muitas variáveis, em especial se considerarmos a influência do meio social e a individualidade do leitor nesse processo.

### 2.1 Natureza da pesquisa

Essa é uma pesquisa quanti-qualitativa interpretativa, como afirmamos nas considerações iniciais, atravessada pela observação das pesquisadoras na preparação e aplicação da oficina, na qual observamos e descrevemos o comportamento de um grupo selecionado de leitores. Essas observações são direcionadas para a coleta de dados que servem de suporte a hipóteses já existente sobre a recepção de leitura e/ou apontem outras. Os dados aqui coletados são analisados por meio de estudo descritivo.

O problema da pesquisa é pensar em como conduzir didaticamente a formação de leitores proficientes no espaço escolar, considerando a recepção de leitores em formação sobre leitura de obras canônicas. A palavra problema remete a muitos significados e pela multiplicidade de conceitos com que a palavra é usada faz-se necessário definir a acepção da palavra tomada em nossa pesquisa. Problema é entendido como uma situação em que se desconheça a solução e exista a real necessidade de se conhecê-la. O problema com o qual nos defrontamos e que é ponto gerador para nosso trabalho de pesquisa é à ausência de resultados positivos na formação de leitores. Essa é uma questão amplamente discutida e pesquisada, por isso há diversas concepções metodológicas e de ensino para mudar os resultados obtidos, mas, pelo desempenho dos alunos no sistema educacional brasileiro nos últimos anos, há indicação de que há muito a se fazer nesse sentido.

Apesar da extensa produção e diversas pesquisas sobre a Recepção de Leitura, essa dissertação tem o mérito de focar as perspectivas da recepção no espaço escolar e sua efetiva contribuição para o trabalho pedagógico, considerando a realidade educacional brasileira.

## 2.2 Objeto de pesquisa

O início dos trabalhos é destinado à escolha das escolas para aplicação das oficinas: dois colégios públicos da cidade de Maringá, Noroeste do Paraná. O critério de escolha das instituições participantes considera a necessidade de estabelecer diferenças e semelhanças da recepção de leitura entre alunos de escolas públicas estaduais, observando a localização geográfica, uma no campus da Universidade Estadual de Maringá e outra na periferia da cidade. A pesquisa é direcionada à recepção de uma obra canônica indicada na lista de sugestão de leitura para o concurso vestibular. Esse direcionamento justifica-se pelo crescente interesse dos alunos da rede pública em ingressar no Ensino Superior, e, principalmente, porque um processo seletivo dessa natureza indica alguns parâmetros sobre o leitor que se quer nessas instituições. O trabalho procura um recorte acerca do interesse mencionado para investigar se há influência concreta dessa demanda na formação de leitores e como o jovem leitor em formação recebe esse tipo de leitura.

A lista de leitura segue a indicação sugerida pela Universidade Estadual de Maringá. Essa universidade abrange uma região geográfica significativa que a torna uma boa fonte de pesquisa. Feitas essas considerações, consultamos a lista de obras indicadas. A lista 1 contempla a indicação de obras literárias para o vestibular de acesso único para o ano de 2011. A lista 2, as indicações de leitura para o PAS, destinada a alunos do segundo e do terceiro anos do Ensino Médio.

Lista 1- Indicação de leitura para Vestibular 2010 da Universidade Estadual de Maringá.

Contos Novos - Mário de Andrade  
Dom Casmurro - Machado de Assis  
Melhores poemas - Gonçalves Dias  
Melhores poemas - João Cabral de Melo Neto  
Melhores poemas - Manuel Bandeira  
O calor das coisas - Nélide Piñon  
O cobrador - Rubem Fonseca  
Poemas escolhidos - Cláudio Manuel da Costa  
Senhora - José de Alencar  
*Triste fim de Policarpo Quaresma* - Lima Barreto

Lista 2- Indicação de leitura para o PAS 2010 da Universidade Estadual de Maringá

### 2ª SÉRIE

1. Cláudio Manuel da Costa. Poemas escolhidos. São Paulo: Ediouro, 1997.
2. Gonçalves Dias. Poemas. São Paulo: Ediouro, 1997.
3. José de Alencar. Senhora. São Paulo: Ediouro, 1997.

4. Álvares de Azevedo. Macário. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
5. Machado de Assis. Dom Casmurro. São Paulo: Ediouro, 1997.
6. Cruz e Souza. Poesias completas. São Paulo: Ediouro, 1997.
7. Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Klick, 1999.

### 3ª SÉRIE

1. Cláudio Manuel da Costa: Poemas escolhidos. São Paulo: Ediouro, 1997.
2. Gonçalves Dias: Poemas. São Paulo: Ediouro, 1997.
3. Machado de Assis: Dom Casmurro. São Paulo: Ediouro, 1997.
4. Lima Barreto: *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Klick, 1999.
5. Mário de Andrade: Contos novos. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.
6. Manuel Bandeira: Melhores poemas. São Paulo: Global, 2008.
7. Nelson Rodrigues: A falecida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
8. João Cabral de Melo Neto: Melhores poemas. São Paulo: Global, 2006.
9. Rubem Fonseca: O cobrador. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
10. Nélide Piñon: O calor das coisas. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Na lista de indicação para o vestibular de 2011, verificamos que *O Triste fim de Policarpo Quaresma* figurava nos dois concursos: o PAS e o concurso convencional. Decidimos pela obra, em especial, por essa dupla indicação. O passo seguinte é a escolha das escolas para aplicação da oficina, e optou-se por duas escolas estaduais a fim de garantir a paridade institucional. As instituições escolhidas receberam as denominações: Escola 1 e Escola 2.

### 2.3 O local da pesquisa

A escola que recebe a denominação de Escola 1, nesta pesquisa, é o CAP- Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá – Ensino Fundamental e Médio, localizada no Câmpus da Universidade – Avenida Colombo, 5790, e tem por mantenedor o Governo do Estado do Paraná. A estrutura física do Colégio ocupa uma área livre de 16.224,51m<sup>2</sup>, com 4.419,19 m<sup>2</sup> de área construída. Os alunos são atendidos por professores da rede pública estadual e servidores da universidade. Há monitores que auxiliam no atendimento docente. Eles são alunos de diferentes cursos de licenciatura, cumprindo carga horária de estágio supervisionado. A turma escolhida nesse colégio é um segundo ano do Ensino Médio.

A escolha do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Maringá considera dois fatores relevantes: a localização, pois o referido colégio situa-se no campus da universidade, uma área de acesso privilegiado; e, por tratar-se de um colégio de aplicação da

universidade, acredita-se que o trabalho de mediação de leitura destinada ao concurso vestibular seja uma prática constante.

É denominada Escola 2 o Colégio Estadual Tomaz Edison de Andrade Vieira – Ensino Fundamental e Médio, localizado na Rua das Tipuanas, 621 – Conjunto Borba Gato - Maringá-PR. A área total do terreno onde o Colégio está localizado equivale a 10.800 m<sup>2</sup>, sendo 1.980 m<sup>2</sup> de construção. Esse colégio atende aos moradores do conjunto habitacional Inocente Vilanova Junior e também aos dos bairros próximos. É uma das escolas do município de Maringá que participa da modalidade piloto de Ensino por Blocos. Os alunos participantes de nossa pesquisa, assim como os da escola 1, são do segundo ano do Ensino Médio. Pelo cronograma, segundo semestre de 2010, ficamos com um grupo que já havia cursado as disciplinas da área de ciências exatas e, no momento da realização da pesquisa, cursavam as disciplinas da área de ciências humanas.

Os critérios para escolher o Colégio Estadual Tomaz Edison de Andrade Vieira são mesmos usados para escolha do primeiro colégio, porém em situação inversa: a localização, no caso, o segundo colégio situa-se numa região periférica da cidade; e para verificar como uma instituição estadual trabalha a mediação de leitura indicada para o vestibular. Guardadas as diferenças entre a localização e a possível mediação para esse tipo de leitura, a intenção é investigar até que ponto os fatores elencados para escolha das escolas interferem na recepção de leitura por alunos atendidos nessas instituições.

#### 2.4 A construção da oficina

O primeiro contato com as instituições escolhidas é com a coordenação pedagógica, a quem entregamos uma cópia do projeto de oficina de leitura (Apêndice1). Nesse documento, descrevemos a metodologia e o cronograma de trabalho. Ressaltamos que todo o trabalho seria acompanhado e aplicado pela pesquisadora e que a presença da professora regente da sala ficaria a critério de cada profissional. Após discussão sobre a metodologia, opta-se pela ausência da professora regente.

Após a aprovação da direção das escolas, definimos, em cada uma delas, juntamente com a equipe pedagógica e o professor de Língua Portuguesa, a turma que participaria da pesquisa. A escolha considera como critério priorizar leitores que estejam na série destinada à indicação de leitura para o PAS, no caso, escolhemos leitura indicada para alunos do segundo ano do Ensino Médio. Quanto ao critério para a escolha do horário das aulas, optamos pela

turma que tenha durante a semana pelo menos um dia de aulas geminadas, tempo necessário para aplicar as atividades programadas. Distribuídos em um mês e meio, os trabalhos da oficina são organizados em um cronograma de duas aulas por semana, e essa divisão é planejada para acompanhar a recepção de leitores em formação, observando os níveis de leitura descritos por Kügler (1987).

Esses níveis de leitura são descritos por Kügler (1987) como um processo de interação entre leitor e o texto. Essa interação é o meio de chegar à compreensão, termo este tomado segundo a concepção do autor. A organização dos momentos da oficina procura acompanhar esse processo, o qual tinha como foco a organização dos trabalhos de leitura e não o que o texto significa como um todo. A questão estava voltada para a compreensão de que sentido o texto despertaria no grupo de leitores pesquisados. Após a autorização da direção das escolas, iniciamos os trabalhos da oficina de leitura, a qual é distribuída em seis encontros.

No primeiro encontro, há apresentação para o grupo de alunos dos detalhes do trabalho de leitura, bem como do cronograma das atividades propostas. Nesse encontro, aplicamos o primeiro questionário (Apêndice 2), com o intuito de delinear o perfil dos alunos participantes, considerando o nível socioeconômico, o interesse por leitura, a impressão do ambiente escolar, as projeções para o futuro acadêmico e o conhecimento prévio sobre a obra escolhida para a pesquisa. Esse, como os demais questionários aplicados, é analisado no capítulo 3.

No segundo encontro, com intervalo de duas semanas, é entregue o material de leitura e cada aluno recebe um exemplar da obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Após a entrega do livro, questionamos os participantes a respeito de como seria o plano de leitura, quais as dificuldades e o que eles pensam desse tipo de trabalho. Esse momento é destinado a motivar a participação e, principalmente, para ouvir quais são as possíveis ressalvas quanto à leitura proposta. Após conversa com a turma, propusemos que o primeiro momento de leitura seja feito em sala e o restante em outros ambientes à escolha do leitor, com um prazo estipulado.

Durante esse segundo encontro, os alunos têm um tempo de, aproximadamente, trinta minutos para leitura do primeiro capítulo do livro (da página 7 até a 16). Esse tempo é planejado para colher as primeiras impressões e buscar informações sobre o caminho de leitura que, porventura, o grupo tomasse. A constatação de dificuldade mais evidente é a barreira da linguagem. Alguns leitores têm atitude de rejeição por não ter entendimento de todo vocabulário. É com essa leitura coletiva que demonstramos, por meio de leitura oral de

alguns trechos, ser o entendimento de todo o vocabulário dispensável para o entendimento do texto. Nesses casos, o leitor pode levantar hipóteses e usar seu conhecimento. É um momento relevante na oficina, pois é apresentada uma opção para entender o texto e estabelecer construção de unidade da leitura.

No terceiro encontro, há um espaço para que todos os leitores falem sobre suas leituras. São oportunizados comentários livres sobre a leitura, é um momento de socialização. Após essa discussão, os alunos respondem a um questionário referente às leituras feitas (Apêndice3). A maioria realiza a leitura determinada para o período. A atividade proposta nesse momento da oficina contempla atividades escritas individuais e o foco é sistematizar o registro das impressões de leitura.

A leitura primária, segundo Kügler (1987), corresponde ao momento da leitura silenciosa, quando não ocorre duplicação da linguagem original e acontece a concretude do estranhamento. O leitor precisa vencer esse momento e, para isso, é reservado um trabalho de leitura individual, o qual se constitui como uma fase importante da pesquisa, pois, vencendo a barreira não crítica e afirmativa, o leitor tende a estabelecer, a partir do texto, projeções e representações pessoais. Há o início da participação afetiva do leitor com o texto, ocorre assim a personalização da leitura primária já que, no primeiro momento, há o deslocamento. Segundo Kügler(1987), o leitor considera o texto por meio da utilização de requisitos pré-textuais que ele já possui. O deslocamento confirma a compreensão que corresponde às expectativas do leitor e, na sequência, ocorre a condensação. Assim, o texto é compreendido em sentido articulado e, com a articulação, chega ao fim a leitura afetiva.

Com as respostas do questionário aplicado no terceiro encontro tabuladas, temos material para o quarto encontro, o qual é de interação do grupo. Retomamos pontos de divergência nos questionários e questões pertinentes ao enredo. Com isso, é esperado que o grupo chegasse ao segundo nível de leitura, a constituição coletiva do significado, que ocorre quando o leitor assume a leitura articulada por ele e discute com o grupo outras possibilidades de entender o texto. É o momento da perda da ilusão e acréscimos racionais da experiência de leitura.

Nos dois últimos encontros, o trabalho foi direcionado para o terceiro nível de leitura. No quinto encontro, o foco é para o trabalho de escrita (Apêndice 3). Esse contemplou a escrita individual, momento em que esperamos a progressão dos alunos observados para o terceiro nível de leitura. Kügler (1987) descreve esse nível como a constituição coletiva de significado. Segundo ele, é a maturidade de leitura. É o momento em que o leitor se entende

como parte do diálogo textual. Esse nível possibilita leituras críticas, isto é, o entendimento da produção dentro de um contexto. No sexto encontro, propusemos um debate sobre as impressões do texto e o que se confirma ou não dessas impressões.

## 2.5 Base de dados

Como a base de dados referente à pesquisa de recepção de leitura é ampla, para esta pesquisa buscamos trabalhos que se identifiquem com nossos objetivos. A leitura em espaço escolar, apesar das extensas discussões, é um tema em que há muito a se explorar. Essa afirmação é pertinente se considerarmos os baixos índices de desempenho de estudantes brasileiros, assim como a condição frágil em que se encontra a educação em nosso país. Buscamos, mediante consulta eletrônica ao acervo da CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, estudos correlatos ao tema de nossa investigação. Optamos por apresentar dados referentes ao ano base de 2010, pois foi o ano em que realizamos nossa pesquisa. Mesmo sabendo que há uma produção significativa anterior a essa data, o critério adotado para o levantamento de dados é apresentar qual a relevância do autor escolhido, no caso, Lima Barreto. Buscamos também dados de pesquisas correlatas à recepção de leitor. Encontramos 12 dissertações sobre Lima Barreto:

Autor	Título	Instituição	Ano
Aciomar Fernandes de Oliveira	Etnicidade, memória e poder nas crônicas de Lima Barreto e João do Rio: entre o dilema e o silenciamento.	UFMG	2010
Ana Helena Cobra Fernandes	Bagatelas em perspectiva Lima Barreto crônicas anotadas.	Universidade Estadual de Campinas	2010
Cynthia Mara Cecato da Silva	Entre o pranto e a mofa, a pátria idolatrada em triste fim de Policarpo Quaresma de Lima Barreto: sob a égide do arrivismo, a nação em seu rolar de Sísifo.	Universidade Estadual do Espírito Santo	2010
Elisa Hickmann Nickel	Cyro dos Anjos e Lima Barreto: burocracia e patrimonialismo na literatura.	Universidade Estadual de Campinas	2010
Frederico Costa dos	Hospício Nacional de Alienados	Universidade	2010

Santos	(1890-1930): relações de poder e memória coletiva no espaço asilar: a experiência de Lima Barreto.	Federal do Estado do Rio de Janeiro	
Jackson Diniz Vieira	Identidade negra e modernidade na obra de Lima Barreto.	Universidade Estadual da Paraíba	2010
Jane Mary Cunha Bezerra	Lima Barreto: anarquismo, antipatriotismo, forma literária.	Universidade Federal do Ceará	2010
Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto	Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto.	Universidade Federal de Campina Grande	2010
Leandro Nascimento Cristino	A metáfora do jogo e a resistência pela gíngua: percepções do malandro na Literatura Brasileira.	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2010
Monique Lopes Inocêncio	Tensões sociais refletidas em <i>factus</i> e em <i>factus</i> : visitando alguns escritos pessoais de Lima Barreto.	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2010
Sérgio Rachman	A interface entre psiquiatria e literatura na obra de Lima Barreto.	Universidade de São Paulo	2010
Tulana Oliveira da Silva	'Claros' dos Anjos.	UNESP	2010

Na mesma pesquisa, constatamos que havia, no ano de 2010, apenas uma tese de doutorado sobre Lima Barreto:

Autor	Título	Instituição	Ano
Maria Saete Magnoni	Imprensa como instância de poder: uma leitura das Recordações do Escrivão Isaias Caminha, de Lima Barreto.	Universidade de São Paulo	2010

As pesquisas voltadas à recepção de leitura têm maior número na base de dados, pois foram verificadas 46 dissertações de mestrado cadastradas em 2010:

Autor	Título	Instituição	Ano
Aelissandra Ferreira da Silva	Discurso da/na prática docente do 3º ano do Ensino médio.	Universidade Federal do Acre	2010
Aldo José Barbosa	Interpretação e recepção do conto rosiano 'O recado do morro'.	Universidade Federal do Pará	2010
Aline Maria Rezende Feitas	A constituição de discursos para os jovens: relação de poder nas capas das Revistas 'Capricho' e 'Atrevida'.	Universidade Federal do Piauí	2010

Alyere Silva Farias	Encontro com Lalino e canção: estranhamento e pareças na vivência do texto literário em sala de aula.	Universidade Federal de Campina Grande	2010
Ana Paula Sousa Silva	Entre brincadeiras, natureza e canções: recepção de poemas infantis de Cecília Meireles.	Universidade Federal de Campina Grande	2010
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcello	Dos cacauzeiros aos umbuzeiros: percurso de recepção das narrativas Os magros e A Enxada e A mulher que venceu o próprio destino, de Euclides Neto.	Universidade do Estado da Bahia	2010
Caroline Mabel Macedo Santos Martins	Metalinguagem e ensino: vivência com poemas de Ferreira Gullar.	Universidade Federal de Campina Grande	2010
Clara Terezinha da Silva Santos	Gêneros textuais: a práxis mediadora do professor de leitura.	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	2010
Edna Oliveira Freitas	A leitura da literatura no Distrito Federal: MAPA CULTURAL.	Universidade de Brasília	2010
Erica Simões Castelão	Michey Mouse é a Vovozinha! Níquel Náusea e a Recepção dos quadrinhos no Brasil dos 1980.	Universidade Estadual de Feira de Santana	2010
Fernanda Cristina Ribeiro Faria	A Estética da Recepção contribuindo para o ensino de Literatura Infantil: uma experiência com o conto A pequena Vendedora de Fósforos, de Hans Christian Andersen (1805-1875)	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	2010
Fernanda Maccari Guollo	A recepção leitora de Dom Quixote das crianças: da prosa às histórias em quadrinhos	Universidade do Sul de Santa Catarina	2010
Karina de Oliveira	Leitores da Crônica de Luis Fernando Veríssimo	Universidade Estadual de Maringá	2010
Liliam Cristina Marins	O cinema esculpido na literatura? A circulação multimodal do texto literário e sua recepção na díade Pygmalion / My fair Lady por alunos de Licenciatura em Letras-Ínglês	Universidade Estadual de Maringá	2010
Lucia Giacomoni	Mediadores de leitura e biblioterapia no contexto hospitalar	Universidade de Passo Fundo	2010
Marcia Havila Mocci da Silva Costa	A trajetória de pai e filho em Duelo do Batman contra a MTV, de Sérgio Capparelli	Universidade Estadual de Maringá	2010

Acreditamos que as mudanças na metodologia das aulas de literatura necessitam de um novo olhar para o leitor, a fim de trabalhar para a formação de leitor no modelo

institucional, essa é uma questão de distinguir as diferenças entre leitores, instituições e metodologias e pensar na recepção de leitura como um processo que não pode ser esgotado numa ação diretiva, pois ela se ressignifica a cada tempo e grupo ao qual se submete. Portanto, procuramos mostrar a individualidade das escolas e dentro delas a subdivisão da individualidade dos leitores em formação. Esse conceito de individualidade é que faz paradoxalmente a unidade do trabalho de leitura, uma concepção que exige professores preparados para assumir o papel de formador. Além disso, é preciso efetivar medidas governamentais para que seja respeitada, dentro do coletivo escolar, a individualidade de cada região, de cada escola. É uma proposta ousada, contudo se fazem necessárias discussões assertivas nesse sentido.

### 3 LEITURA DE O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

O capítulo descreve nossa recepção de leitura e tem como intenção ratificar nossa posição de que, para entender um leitor, é preciso antes lê-lo, pois o efeito causado pelo texto muda de leitor para leitor. Para entender essas mudanças, faz-se necessário passar por esse processo. Essa descrição de leitura considera a personagem título, pois foi em torno dessa figura que Lima Barreto constrói a narrativa e, por fim, detivemos-nos nas figuras de leitores apresentadas e de outras personagens significativas do romance. Essa dissertação volta-se ao que ocorre ao leitor e ao efeito que a leitura provoca. Segundo Iser:

O efeito estético deve ser analisado, portanto na relação dialética entre texto, leitor e sua interação. Ele é chamado efeito estético porque - apesar de motivado pelo texto requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, a fim de obrigá-lo a diferenciar suas próprias atitudes [...]. Se a análise da literatura se origina da relação com textos, então não se pode negar que aquilo que nos acontece através dos textos seja de grande interesse (ISER, 1996, p. 16).

A apresentação dessa leitura é um dos parâmetros para nos colocarmos na posição de leitores e entender os dados colhidos junto aos grupos pesquisados nos trabalhos da oficina de leitura.

#### 3.1 Um cidadão quase previsível

O romance *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, prende o leitor pelo enredo cômico e, por vezes, terno. A apresentação da personagem título é construída de forma precisa e metódica indo ao extremo da monotonia. Policarpo é como um funcionário público exemplar, ele segue, com tamanha rigidez, horários e regras que vizinhos o tem como um ponto de referência para atividades de rotina. Essa atitude repetitiva que desperta segurança na vizinhança é contrastada com certo mistério, pois Policarpo é um homem de poucas palavras e de contatos sociais restritos. Uma presumida timidez também poderia ser indicativo de uma personalidade solitária, ou mesmo, incompreendida. Essa introspecção de Policarpo sugere, algumas vezes, atitude de prepotência, outras vezes, de acomodação. Esses polos de referência geram uma expectativa em torno do cidadão respeitável e cumpridor de seus deveres. Policarpo é o símbolo do cidadão organizado e ordeiro, vinte anos trabalhando em cargo público sem cometer qualquer deslize que o desabonasse. A acomodação se justifica

pela condição socioeconômica da personagem. Ele é um trabalhador exemplar, o qual ocupa um cargo de destaque social e, somado a isso, tem o título de Major que o faz mais respeitado ainda:

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia [...] às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de m minuto, ia pisar na soleira da porta da casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado previsto e predito (BARRETO, 2007, p. 7).

A apresentação metódica da personagem é permeada por alguns pequenos desvios de conduta os quais atraíam desconfiança sobre Policarpo. Um desses desvios é a mania de leitura, porque é leitor, mesmo sem ter a autoridade acadêmica esperada na época para um leitor. Por esse motivo Policarpo é merecedor do desafeto expresso pelo Doutor Segadas. Na descrição de uma personalidade acomodada e integrada ao espaço em que vive, a personagem título desperta, com seus hábitos, a ideia de desafio às normas vigentes, porém é um desafio inconsciente, pois Policarpo não lia em público e ficava alheio ao conceito que os demais tinham sobre ele. Contudo, sua biblioteca é bem visível para a rua, qualquer transeunte que passasse em frente à casa poderia vê-lo lendo um de seus inúmeros títulos. A quantidade de livros reforça o perfil de homem admirado por grande parte da vizinhança e abastado. Como leitor, é visto como perigoso, pois Policarpo não detém o título acadêmico e, portanto, entra num território estranho a sua condição. Somado a isso, no início do século XX, acredita-se que a leitura pode prejudicar a sanidade mental. Esse conceito de leitura como elemento que desvirtua o homem é recorrente na narrativa, juntamente com a construção do perfil sonhador e idealista de Policarpo. A influência da leitura está presente em episódios, nos quais o personagem tenta mostrar o caminho da construção de uma nação que valoriza suas riquezas naturais e seu povo. Policarpo, como leitor assíduo, busca o resgate da linguagem dos indígenas e da cultura do Brasil.

### 3.2 Um patriota incompreendido

A desconstrução de Policarpo como cidadão organizado, merecedor de respeito, começa quando ele decide tomar aulas de violão, a segunda transgressão aos costumes vigentes no fim do século XIX. Violão, na época, é considerado instrumento de malandros, então, a rejeição que esse tipo de música recebe é tão severa a ponto de um cidadão ser detido

devido ao hábito de tocá-lo. O caráter contraditório entre uma atitude de respeito exacerbado e a transgressão aos costumes é um elemento presente até o final da narrativa.

O patriotismo é traço marcante da personalidade de Policarpo; aos dezoito anos, ele ingressa nas Forças Armadas, pois tem um desejo ardente de servir a Pátria, contudo ele é dispensado pelo Exército. O personagem não desanima, ao contrário, procura outras formas de ser útil ao seu país: estuda, lê, coleciona toda literatura brasileira e as referências ao Brasil. A sua vida profissional, no entanto, não fica distante das Forças Armadas; ele procura a administração pública e, dentre seus ramos, escolhe ser militar, recurso que ele encontra para servir a pátria. Além disso, Policarpo faz questão de que os produtos nacionais sejam usados em sua vida cotidiana, tanto na alimentação quanto no vestuário. É fundamental, para ele, resgatar as raízes brasileiras por meio da civilização indígena, berço da nação. Policarpo enfrenta, pois, dificuldades atribuídas ao hábito de leitura e ao patriotismo exacerbado nos vários espaços da narrativa.

O protagonista apresenta diferenças culturais e ideológicas bem definidas do grupo de personagens masculinas, visto que o coronel Albernaz, militar sem experiência em campo de batalha, consegue o título de general por meios burocráticos, uma situação social na qual o título não corresponde ao merecimento:

[...] ficava mal naquele homem plácido, medíocre, bonachão cuja única preocupação era casar as cinco filhas e arranjar ‘pistolões’ para fazer passar o filho nos exames do Colégio Militar (BARRETO, 2007, p. 18).

O título militar, recebido por meios burocráticos, é comum tanto ao Major quanto ao General, e a diferença entre os dois está na maneira de encarar o valor da patente recebida. O general pensa em usar o prestígio que o título oferece em benefício próprio, seja para fazer o casamento das cinco filhas ou para encaminhar o filho na carreira militar. Não há em Albernaz preocupação que saia da esfera de seus interesses pessoais, até mesmo o vínculo de amizade entre os dois é diferente. Policarpo valoriza a condição de militar do amigo, pois acredita que essa condição é prova de comprometido em servir a nação. Por outro lado, Albernaz apenas considera o major como uma amizade seleta que poderá auxiliar nos planos de encaminhar a família e obter prestígio social. Um episódio que define bem a diferença ideológica entre as duas personagens: Policarpo, por meio da música em uma festa na casa do general Albernaz, decide resgatar a cultura brasileira. Policarpo vê, na ocasião, uma boa oportunidade de valorizar a cultura brasileira; Albernaz só pensa nas oportunidades que um

evento social dessa natureza traria mais possibilidade de aumentar seu círculo de amizade e seus contatos:

Os dois saíram tristes. Quaresma vinha desanimado. Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? Era bem um sinal de fraqueza, uma demonstração de inferioridade diante daqueles povos tenazes que os guardam durante séculos! Tornava-se preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes [...]. Albernaz vinha contrariado. Contava arranjar um número bom para a festa que ia dar, escapava-lhe. Era quase a esperança de casamento de uma das quatro filhas que se ia, das quatro porque uma delas já estava garantida, graças a Deus (BARRETO, 2007, p. 20).

Um ponto de divergência no vínculo de amizade entre os dois militares é que, para Policarpo, a aproximação é espontânea e, para Albernaz, é oportuna. No entanto, o general Albernaz, mesmo querendo casar as filhas e a figura de Policarpo representar um cidadão abastado, não há uma leve insinuação do general sobre a possibilidade de Policarpo tornar-se candidato a genro. Policarpo parece ser descolado da realidade em que vive, por isso esse descolamento soa até com certa naturalidade, pois os ideais patrióticos ufanistas deixam-no distante da realidade.

### 3.3 Ricardo Coração dos Outros: o fiel escudeiro

Policarpo tem relacionamentos de convívio social com os demais personagens masculinos, entretanto a aproximação maior acontece com Ricardo Coração dos Outros. Essa personagem nos remete a outro texto, *Ivanhoé*, de Walter Scott, publicado em 1820. Lima Barreto constrói uma paródia fazendo referência a Ricardo Coração de Leão, o rei da Inglaterra imortalizado por Scott. A troca de sobrenome entre os dois Ricardo de Coração de Leão, um nome forte, por Coração dos Outros, um nome fraco, dá a dimensão da diferença entre as personagens. Porém, o Coração dos Outros, de Lima Barreto com o desenrolar da narrativa conquista seu espaço. Ele é para o major Quaresma o fiel escudeiro até o fim da narrativa. A atitude servil de Ricardo é inicialmente carregada de interesses pessoais, pois o major é uma pessoa de destaque social, por isso essa amizade é uma oportunidade para o músico projetar-se na sociedade e, enfim, viver o sonho de artista. Porém, essa personagem cresce na narrativa. Ele deixa aparecer porque é considerado Coração dos Outros, pois não

abandona o amigo em nenhuma situação. Visita Policarpo no hospício e é quem mais se empenha para tentar ajudá-lo a sair da prisão no fim da narrativa.

A grande amizade entre a personagem título e Ricardo Coração dos Outros é atípica, considerando a situação socioeconômica de ambos. Contudo, essa amizade é o fio condutor da construção da personalidade sonhadora e humana dada ao Major. Ricardo Coração dos Outros é a consciência concreta de Policarpo, em parte porque há no início do relacionamento entre ambos uma situação de vantagem recíproca: Policarpo quer aprender a tocar violão, um instrumento considerado marginalizado socialmente na época, e Ricardo precisa ter um contato influente e respeitável como o Policarpo para obter aceitação numa camada social ascendente. A amizade entre os dois é a concretização da necessidade de que, mesmo para um nacionalista exacerbado, há a necessidade de manter um ponto de contato com a realidade. Ricardo pode ser a metáfora da consciência de Policarpo.

### 3.4 Policarpo, um cavaleiro andante

Policarpo vive situações diferentes em espaços distintos. O primeiro espaço descrito é o ambiente urbano em que ele vive e trabalha. É também onde ele firma o seu *status* social. Nesse primeiro ambiente, a situação de leitor leva Policarpo ao extremo de ser banido do convívio social, quando, por meio de seus estudos, o major aprende a língua tupi guarani e faz um requerimento para que a língua indígena seja por lei considerada oficial. O requerimento apresenta concretamente ao governo o risco que representa o cidadão Policarpo, pelo fato de ele despertar nos colegas de trabalho um sinal de alerta, ameaçando situações estabelecidas:

Se os jornais tinham recebido o requerimento com facécias de fundo inofensivo e sem ódio a repartição ficou furiosa. Nos meios burocráticos, uma superioridade que nasce fora deles, que é feita e organizada com outros materiais que não os ofícios a sabença de textos de regulamentos e a boa caligrafia, é recebida com a hostilidade de uma pequena inveja. É como se visse no portador da superioridade um traidor a mediocridade, ao anonimato papeleiro. Não só uma questão de promoção, de interesse pecuniário; há uma questão de amor próprio, de sentimentos feridos, vendo aquele colega, aquele galé como eles, sujeito aos regulamentos, aos caprichos dos chefes, às olhadelas superiores dos ministros, com mais títulos à consideração, com algum direito a infringir as regras e os preceitos (BARRETO, 2007, p. 38).

A inveja, despertada nos colegas de repartição devido à notoriedade dada ao Major Policarpo pelo requerimento, somada a questões de ordem hierárquica dentro do mesmo setor,

faz com que Policarpo experimente o peso da incompreensão de seus ideais. Há uma atitude drástica por parte de seus superiores: isolar o elemento que representa perigo em um hospício.

No hospício, o segundo espaço, a menção sobre leitura é menos recorrente, pois são mencionadas apenas as leituras levadas pelos poucos visitantes a Policarpo; portanto, essa atividade que permeia a vida do major e está presente em todos os momentos quase desaparece. Essa diminuição implica uma alusão ou negação de que a leitura possa causar abalo psicológico e isolar o indivíduo. O episódio destaca uma posição em relação às restrições à leitura e suas possíveis consequências, tal como o isolamento em que o Policarpo é encerrado, sendo visitado por apenas três amigos. Esse episódio dá a dimensão do abandono social vivido por pessoas que não se comportam de acordo com as normas vigentes e a maneira cruel como são tratados os doentes mentais:

Guardas, internos e médicos passavam pelas portas com a indiferença profissional. Os visitantes não se olhavam, pareciam que não queriam conhecer-se na rua. Lá fora, era o dia lindo, os ares macios, o mar infinito e melancólico, as montanhas a se recortar num céu de seda a beleza da natureza imponente e indecifrável (BARRETO, 2007, p. 47).

Policarpo vive, no hospício, o fim de uma etapa de vida: a tentativa de organização cultural e histórica do espaço urbano, resgatando a origem da nação e valorizando a cultura brasileira. Ele começa outro caminho, porém o foco foi sempre estabelecer valores nacionais.

No terceiro espaço, o sítio Sossego, Policarpo volta à leitura como uma atividade direcionada à busca e ao conhecimento, pois é pela leitura que ele informa-se sobre a agricultura, os implementos rurais, os quais o major adquire para sua nova função: agricultor. Nesse novo espaço, volta a esperança de convencer as pessoas de que o Brasil é um país de riqueza. A agricultura é para Policarpo a salvação da Pátria, contudo não tarda ao major perceber que é preciso muita vontade política e investimentos para concretizar esse novo ideal. No primeiro momento, ele tenta chamar atenção para a situação de abandono da agricultura, dedica-se ao cultivo da terra; quer, de maneira positiva, provar que a agricultura é a solução nacional. Dessa vez, não teoricamente, mas sim de maneira prática:

De manhã, logo ao amanhecer, ele mais Anastácio, lá iam, de enxada ao ombro, para o trabalho do campo. O sol era forte e rijo; o verão estava no auge, mas Quaresma era inflexível e corajoso lá ia. Era de vê-lo, coberto com um chapéu de palha de coco, atracado a um grande enxadão de cabo nodoso, ele, muito pequeno, míope, a dar golpes sobre golpes para arrancar um teimoso pé de guaximba. A sua enxada mais parecia uma draga, um

escavador, que um pequeno instrumento agrícola. Anastácio, junto ao patrão, olhava-o com piedade e espanto (BARRETO, 2007, p. 58).

Não tarda a Policarpo constatar que a situação de abandono em que se encontra a agricultura é gerada pelo descaso político. Perseguido por pessoas influentes da região, o personagem vê uma possibilidade, ao se oferecer para participar da guerra, de chegar ao mais alto escalão: o de presidente. O major acredita que o descaso político é uma atitude isolada da máquina governamental e, portanto, se ele levasse ao conhecimento do presidente essa situação, providências seriam tomadas. Policarpo decide oferecer seus trabalhos à pátria, em carta dirigida ao próprio Floriano Peixoto. O major vai para o quarto espaço da narrativa.

Nesse quarto espaço, o campo de batalhas, a leitura aparece novamente como forma de instrução e conhecimento. Policarpo, como soldado, só conhece a nova ocupação teoricamente, por isso ele encomenda vários livros que tratam de assuntos bélicos. Porém, essas leituras não dão o resultado esperado, porque há um conflito entre o ideal e o real. Nesse episódio, percebemos um diálogo com a situação vivida por D. Quixote, de Cervantes. A retidão que o major espera encontrar no exército, o baluarte da defesa da pátria, infelizmente não passa de mais uma de suas idealizações. Ele precisa comprar a batente para ingressar no exército, e assim o faz sem questionar a legitimidade da autoridade obtida. Durante a batalha, Policarpo percebe que seus ideais e do exército de Floriano são diferentes. Uma diferença é que o major, como patriota, não acredita que o tratamento dado aos soldados vencidos seja do conhecimento do Marechal Floriano, por isso resolve intervir junto ao presidente e sofre a última represália. Conforme se pode constatar no quarto espaço, a prisão é o seu último castigo e, só assim, Policarpo compreende a nulidade de suas atitudes diante de uma sociedade sem comprometimento com seus ideais e com seu povo.

### 3.5 Os leitores

O leitor Policarpo desvenda a realidade e vive de teorias aprendidas nos livros e, por fim, é considerado inimigo do governo. A condição de cidadão pacato e ordeiro é totalmente desconstruída pelas iniciativas inglórias de melhorar a Nação. A leitura, nessa narrativa, assume influências distintas: a do leitor que aprende cientificamente, independente de formação acadêmica, e daquele que, pela observação e comparação, compreende como se organiza a sociedade.

A leitura não é exclusividade de Policarpo. A narrativa contempla outros modelos de leitores e outros modos de focar o hábito de ler. Há o direcionamento para o pedantismo

acadêmico em alguns leitores, como é o doutor Segadas, que não aceita a existência de leitores sem formação acadêmica. Genelício é o leitor rebuscado, por isso, para ele, a leitura de termos burocráticos é usada como forma de projeção em uma sociedade em que poucos têm o acesso à leitura e palavras mais elaboradas dão a seu locutor as glórias da sabedoria. Genelício, a personagem caricaturada, mostra a pessoa que muito fala e nada diz, no entanto para que se mantenha a aparência de cultura todos o aplaudem e o promovem. O mesmo acontece com o marido de Olga, o médico Armando Borges, porque ele escreve artigos para jornais e demonstra uma formação cultural erudita que não condiz com sua prática de leitura; não faz as leituras que deveria fazer, por isso é considerado um profissional medíocre em conhecimento; seus escritos ou são plágio ou cópias com pequenas modificações. No entanto, o médico consegue o reconhecimento social e usufrui do prestígio de homem culto.

As relações entre os leitores citados e sua aceitação social implicam alguns conceitos históricos da alfabetização e formação acadêmica no Brasil e, como ponto relevante do enredo, mostram algumas direções para essa leitura. A primeira refere-se à posição de Genelício e do doutor Armando Borges, pois ambos são leitores medíocres, de conhecimento superficial, que usam a titulação acadêmica para cobrir a incapacidade profissional. Genelício o faz com atitudes de subserviência a todos que tenham influência para levá-lo sem esforço a seus ideais; o doutor Armando Borges aproveita a condição acadêmica aliada à situação financeira do sogro para sua projeção. Enfim, de maneira similar e com recursos diferentes, os dois apresentam o mesmo traço de submissão e de hipocrisia.

A diferença entre as personagens fica no campo pessoal. Enquanto Genelício tem a admiração da esposa a cada nova conquista, o doutor Borges perde a admiração de Olga conforme ela vai conhecendo melhor o marido e, conseqüentemente, percebendo que a fama do marido não condiz com o conhecimento ou caráter dele. A direção divergente dessas duas mulheres na relação com seus companheiros está ligada à formação cultural. Olga, filha de um emergente italiano, cultiva o hábito da boa leitura, é uma mulher inteligente e sensível; o casamento soa a ela mais como uma imposição social do que um relacionamento verdadeiro. Ao contrário, Mariquinha, esposa de Genelício, projeta-se no marido, sendo ele o centro de todas as aspirações dela. Não é leitora como Olga e dispensa raciocínios mais elaborados, pois vive a sensação preguiçosa de aproveitar a escalada social do marido, não importando a legitimidade ou a ilegitimidade do mérito obtido.

Policarpo se diferencia dos dois leitores citados e não há para essa personagem a importância da ascensão social que havia para Genelício e doutor Borges. Ele, por meio de

sua posição de leitor, não tem pretensões de conseguir a admiração social, inclusive para o protagonista, a leitura sempre foi fonte de incompreensão. No início, pela falta de título acadêmico, depois pela obsessão por pesquisar os costumes indígenas e a origem da cultura brasileira, situações que o tornam motivo de chacota e de incômodo em seu meio social e culmina com o internamento dele no manicômio. Quando ele pesquisa sobre agricultura e atividade bélica, é visto como ingênuo e despreparado. Os subalternos de Policarpo, na agricultura representado por Anastácio e no exército representados pelos soldados, sentem simpatia pela ingenuidade do superior e, ao mesmo tempo, piedade. Anastácio, mesmo sem compreender a necessidade do major em ler tantos livros para aprender coisas elementares do trabalho rural, não questiona o patrão e tenta ajudá-lo em algumas situações. Os soldados não têm a mesma proximidade de Anastácio com Policarpo, todavia, aproveitam-se da condescendência do superior para fugir do posto ou mesmo para deixar de cumprir seus deveres. A figura do leitor de ficcional apresentada na narrativa permite a leitura de várias perspectivas relacionadas a situações políticas, sociais ou ideológicas.

### 3.6 As figuras femininas

O estado civil das mulheres é outro aspecto relevante da narrativa, considerando as figuras femininas: Adelaide, Ismênia e Olga. Para essas três personagens, o casamento não tem importância como realização pessoal, entretanto a perspectiva das três é distinta. Com Adelaide, não há cobrança, parece que a solteirice não incomoda ninguém, pois ela tem a proteção e a presença de uma figura masculina:

A velha irmã, atarantada, atordoada, sem direção, sem saber que alvitre tomar. Educada em casa sempre com um homem ao lado, o pai, depois o irmão, ela não sabia lidar com o mundo, com negócios, com autoridades e pessoas influentes. Ao mesmo tempo, na sua inexperiência e ternura de irmã, oscilava entre a crença de que aquilo fosse verdade e a suspeita de que fosse loucura pura e simples (BARRETO, 2007, p. 46).

A situação de Adelaide, diante da sociedade do século XX, confirma a necessidade da segurança masculina, nesse caso, dada pelo amparo do irmão. Adelaide mostra total submissão às vontades e ideais dele; embora reclame de algumas coisas, acaba concordando com as decisões tomadas por ele. A fragilidade de Adelaide fica evidente quando Policarpo vai para o hospício, pois, além da dificuldade de lidar com as finanças da família, ela não tem estrutura psicológica para visitar o irmão. Esse episódio de desamparo feminino é resolvido

com a intervenção de outro personagem masculino, Coleoni, o qual toma as atitudes e cuida dos interesses do major.

O caso de dependência feminina mais evidente acontece com Ismênia, pois a cobrança para se arranjar casamento é muito forte para ela, visto que é a primogênita do coronel Albernaz, deve ser ela a primeira a casar entre as cinco filhas. Ismênia teria já arranjado o noivo, o que a torna mais tranquila com relação ao seu futuro, porém falta a ela a vivacidade e a alegria. O noivado que serve como um acordo tácito: a noiva aproveita a posição social de mulher encaminhada e o noivo, as regalias financeiras do sogro:

Aquele seu noivado durava anos; o noivo, o tal Cavalcanti estudava para dentista, um curso de dois anos, mas que ele arrastava há quatro, e Ismênia tinha sempre que responder à famosa pergunta: \_ ‘Então quando casa?’ \_ ‘Não sei [...] Cavalcanti forma-se para o ano e [...]’ Intimamente não se incomodava. Na vida, para ela, só havia uma coisa importante: casar-se; mas pressa não tinha, nada nela pedia. Já agarrara um noivo, o resto era uma questão de tempo (BARRETO, 2007, p. 16).

Por fim, Olga uma moça instruída e inteligente para quem o casamento também não representa muito, mas por convenções sociais se casa. Não é uma esposa dependente do marido, porque representa uma mulher com características mais modernas. Guardadas as proporções, essas figuras femininas permanecem na atualidade. A imagem da mulher retratada ao longo do tempo pela literatura é uma leitura que tem forte possibilidade de atrair a atenção do grupo de leitores pesquisados. Essa situação ficcional suscitar diferentes efeitos sobre o leitor, sob diferentes perspectivas; alguns pela aproximação e reconhecimento de situações próximas a sua vivência social; outros, pela rejeição dessa leitura.

A leitura do romance permite considerar a ficção do leitor, como o texto tem efeito sobre esse leitor, bem como sobre como os sinais do texto serão entendidos na sua individualidade. Esse caminho percorrido pelo leitor foi fio condutor para nossa análise da leitura dos grupos participantes. Ressaltamos que é necessário estabelecer nossa acepção de ficção de leitor:

A ficção do leitor é marcada no texto por um determinado repertório de sinais. Este, no entanto, não é isolado nem independente de outras perspectivas estabelecidas pelo texto que se manifestam no romance como o narrador os personagens e a ação. Em consequência, a ficção do leitor é apenas uma das perspectivas do texto que se relacionam e interagem com outras. Ao contrário dessa concepção, o papel do leitor resulta da interação de perspectivas e se desenvolve na atividade orientada de leitura; desse modo, a ficção do leitor no texto não pode apresentar mais do que um aspecto do papel do leitor. (ISER, 1996, p. 72)

Nossa intenção foi percorrer o caminho de leitura, observar reações, sinais de aprovação ou desaprovação ao texto. Nesse capítulo, colocamo-nos no papel de leitor para termos uma base prática desse processo.

## 4 A OFICINA DE LEITURA

Neste capítulo, apresentaremos a oficina de leitura aplicada em dois colégios públicos estaduais para coleta de material. Retomamos alguns dados necessários para esclarecer respostas dos leitores pesquisados, em seguida apresentamos o perfil delineado pela leitura dos questionários socioeconômicos e as conclusões a que chegamos com essa pesquisa.

### 4.1 Construindo a oficina

Iniciamos o capítulo com a apresentação do conceito de oficina entendido nesse trabalho, a qual foi aplicada em duas escolas estaduais da cidade de Maringá-Pr, como parte do trabalho de pesquisa sobre recepção de leitura de obra canônica no espaço escolar. De acordo com o dicionário (CALDAS AULETE, 2003) um dos sentidos da palavra oficina é: aula ou curso prático sobre uma atividade ou um assunto específico. Essa acepção da palavra é a que mais se aproxima da definição de nosso trabalho. Acrescentamos que, para nossa pesquisa, a oficina foi um espaço de observação e de descobertas. Procuramos considerar o direcionamento dado à oficina como um espaço dialético entre teoria e aplicação. O arcabouço teórico escolhido para fundamentar o trabalho de pesquisa foi a organização dos níveis de leitura descritos por Hans Kùgler, pois atende a essa proposta de trabalho.

Essa oficina é pensada para contemplar os momentos específicos de leitura dos grupos participantes e momentos de discussão. Inicialmente focam-se as questões da organização logística da oficina como a produção de material, definição da utilização de espaço, cronograma de ações e critérios para seleção do grupo de leitores para oficina. A obtenção de resultados com trabalho envolvendo oficina exige a definição sequencial dos passos de realização do trabalho, além de estabelecer compromisso com todos os envolvidos. Definida a linha de trabalho da oficina, a próxima etapa é o direcionamento das atividades com os participantes. O primeiro ponto estabelecido é que a oficina como espaço pedagógico seja organizada com atividades sequenciais dos trabalhos orientados pela pesquisadora.

O arcabouço teórico da oficina são os estudos de Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss, desenvolvidos na Teoria da Recepção e do Efeito, e os da Sociologia da Leitura, ambos amplamente utilizados em nosso trabalho. A aplicação da oficina segue cronograma pré-estabelecido para um mês. Definido nosso problema de pesquisa como a dificuldade em formar leitores no espaço escolar, verticalizamos nosso trabalho, ocupando-nos da recepção

de alunos do segundo ano do Ensino Médio. A obra escolhida para trabalhar com eles foi *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

Nossa escolha tomou como critério uma motivação comum ao aluno de Ensino Médio: o interesse crescente pelo ingresso no Ensino Superior. A constatação desse aumento considerou, além de dados estatísticos do número de inscritos nos concursos, outros fatores, tais como: aumento de cursos preparatórios, a direção de abordagem de ensino e as políticas públicas para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e o Prouni (Programa Universidade para Todos). Assim, nossa investigação ocupou-se de verificar a contribuição dessa variante no espaço institucional e seu valor como fonte de motivação para as metas do aluno de Ensino Médio de escola pública.

Após a definição do título a ser trabalhado, esbarramos em um impasse, a dificuldade de encontrar professores do segundo ano do EM dispostos a ceder a aula de Português para oficina de leitura, pois seria trabalhada a obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*, elencada como leitura para o terceiro ano. A resistência é amenizada porque a obra está listada como leitura para o segundo ano na lista do PAS (Programa de Avaliação Seriada). Ao desenvolvermos o trabalho, constatamos um fator que aponta um ensino de literatura engessado e ainda muito enraizado na historiografia. Outra constatação é que a abordagem didática para o trabalho de leitura depende da escolha didática do docente. O envolvimento do professor é um fator diferencial para a integração dos alunos, pois, na escola 2, onde a professora acompanhou os trabalhos realizados nas oficinas, a resposta a nossa pesquisa é mais eficiente, pelo fato de haver uma maior aceitação por parte dos alunos.

Na escolha das escolas participantes, o fator social é um dos aspectos relevantes em nossa decisão, em parte, porque aspirar ao ingresso no ensino superior demanda atitude socioeconômica diferenciada de pais e alunos, portanto a influência de fatores sociais nessa escolha será preponderante para obter sucesso. O leitor é um sujeito com uma história social e, é esse *constructo* que o conduzirá aos caminhos de literatura. Segundo Candido:

A literatura é pois um sistema vivo de obras , agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a,deformando-a. A obra não é uma produto fixo,unívoco ante qualquer público; nem este é passivo , homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, pra configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 1984 p.14)

Definido o material e o grupo de pesquisa, passamos a elaborar aquele, bem como o planejamento. A oficina, como já esclarecido na definição do termo tomado neste trabalho, é entendida como um espaço de atividades dirigidas para a observação da recepção de leitura.

O contato com a direção e a coordenação da escola 1 foi mais fácil, pelo fato de a pesquisadora atuar no ano 2010 como professora nessa instituição. Porém, a turma escolhida para o trabalho pertencia a outra professora, por isso foi preciso encaixar horário e conseguir a anuência da professora regente do segundo ano a fim de iniciarmos o trabalho. Acertados horário e turma, fomos visitar a biblioteca da escola, a qual, na época, estava desativada e o acervo estava distribuído em uma ampla sala. A intenção era fazer um levantamento de quantos exemplares da obra a respeito da qual se propôs a leitura havia, e, para nossa surpresa, contamos três exemplares em estado lastimável.

O trabalho de leitura feito na escola é conduzido pela área de Língua Portuguesa, e, a cada trimestre, o aluno adquire um livro indicado para leitura e posterior avaliação em forma de prova, entretanto a obra escolhida para oficina não consta nessa indicação. Estávamos diante de um impasse, pois é impossível a realização de uma oficina de leitura sem livros, e passamos a pesquisar maneiras de consegui-los. No primeiro momento, a ideia é coletar exemplares de outras escolas, porém esbarramos em duas dificuldades: a indicação da obra para o vestibular torna complicada a autorização das bibliotecas de outras escolas para retirada do livro e como é por longo tempo que precisaríamos ficar com os títulos, a solução seria a compra do material. Cotamos entre os representantes das editoras de Maringá, que oferecem um bom preço, porém, como o livro é de domínio público, é vendido por menor preço em outros lugares. Devido à quantidade a ser adquirida, optamos pela compra de exemplares com custo menor. Pelo site [www.wkids.com.br](http://www.wkids.com.br), adquirimos os livros com recursos da pesquisadora. A opção pela compra considerou-se a vantagem de que o aluno leitor pudesse dispor do livro o tempo necessário, fazer as anotações para discussões em grupo, previstas na oficina, além de nos poupar do trabalho de conseguir os exemplares para a próxima escola. Resolvida a questão do material, iniciamos o trabalho com os alunos.

Na apresentação dos trabalhos da oficina, os sujeitos da pesquisa reagiram com certa desconfiança, questionando a troca de professora e a validade do trabalho de oficina como avaliação. Cabe esclarecer que esses questionamentos ocorreram porque, na época da aplicação da oficina, estávamos no último trimestre do ano, por conseguinte havia a preocupação comum entre os alunos de fechar nota e recuperação de conteúdos, visto que era final de ano letivo. Esclarecemos as dúvidas apresentando a oficina como parte de um

trabalho de pesquisa e que, portanto, não se tratava de troca de professora e, sim, de um trabalho conjunto, no qual eles teriam uma professora diferente em datas determinadas pelo cronograma da oficina, e o conteúdo seria aproveitado por eles no exame do PAS. A maioria dos alunos, nesse primeiro momento, pareceu mais interessada em saber qual seria o possível direcionamento da cobrança do material de leitura no vestibular. Esclarecemos que fugia a nossa esfera essa informação, mas qual fosse o direcionamento dado à leitura seria essencial para a compreensão da obra.

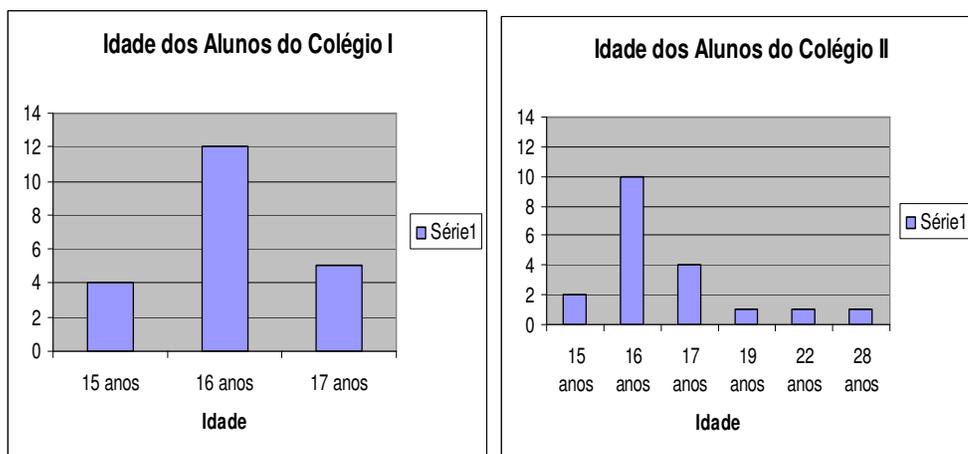
Na escola 2, tivemos um pouco mais de dificuldades burocráticas para iniciar os trabalhos, pois não havia vínculo entre a pesquisadora e a escola, entretanto a proposta foi acatada com otimismo, porque essa instituição de ensino tinha uma linha de trabalho bastante voltada para leitura. Após análise do projeto, entregue para coordenação e direção, e a anuência da professora regente, tivemos autorização para iniciar os trabalhos. Começamos também nessa escola pela visita à biblioteca. Naquele momento, a questão de títulos para o trabalho não nos causava maiores preocupações, visto que eles já estavam comprados. Então, a intenção era saber a quantidade de exemplares disponíveis para comparar as duas escolas e a possibilidade do uso da biblioteca para alguns encontros da oficina. Quanto à quantidade de exemplares, repetiu-se a realidade da escola 1, pois havia poucos livros, três ou quatro, e o estado era lastimável, pois estavam muito velhos e quase sem condições de uso. Além disso, a utilização do espaço também não foi possível, apesar de a biblioteca estar em funcionamento.

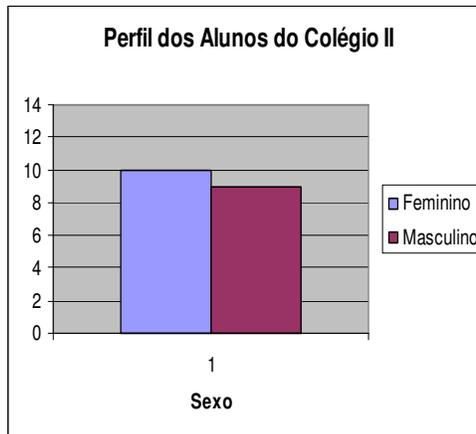
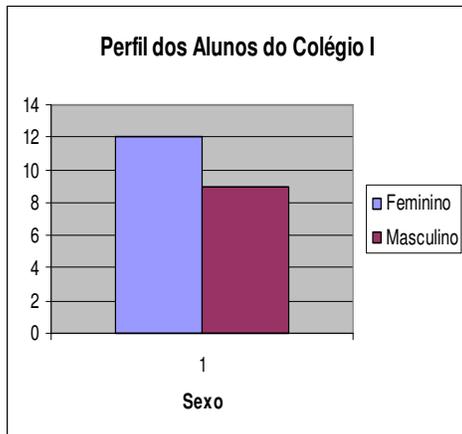
Nossa acolhida pelo grupo de pesquisa da escola 2 deu-se de forma diferente, porque o grupo foi receptivo e não houve questionamento. A professora regente da turma iniciou a apresentação do projeto, expondo qual seria o objetivo e colocando a oficina de leitura como parte das atividades de leitura da turma. Os alunos mostraram-se interessados pelo trabalho, diferente dos alunos da escola 1, que recebem monitoria da UEM e, portanto, estão acostumados com a parceria. Já os alunos da escola 2 ficaram motivados em participar do projeto por conta de ser uma obra catalogada para o PAS e para o Concurso Vestibular da UEM. No entanto, apesar disso, ainda houve dois alunos que manifestaram a opinião de que ler é muito complicado e, por isso, não apreciavam a leitura.

#### 4.2 Os leitores pesquisados

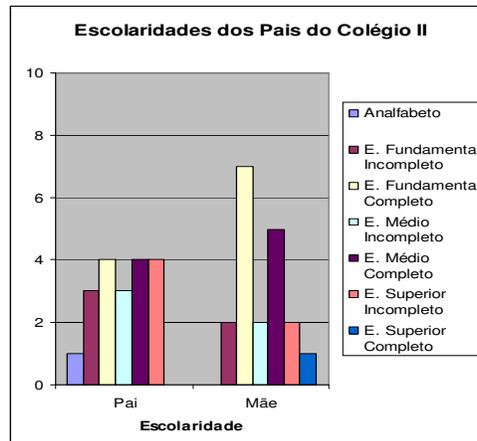
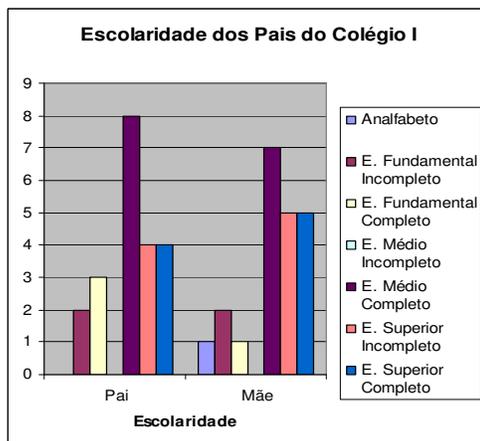
A identificação socioeconômica dos grupos escolhidos apresenta, no primeiro momento, algumas distinções significativas. Apresentamos o perfil do grupo de acordo com a tabulação do questionário aplicado no primeiro encontro (Apêndice 2). Segundo os gráficos,

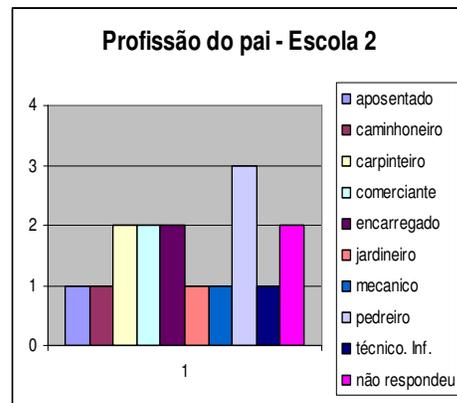
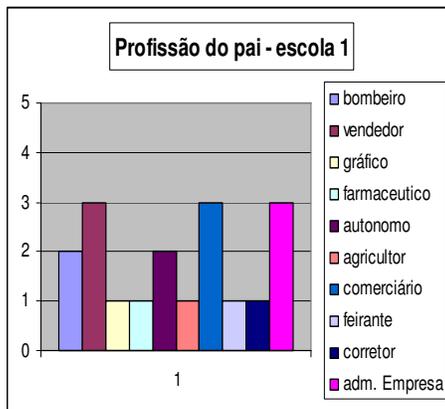
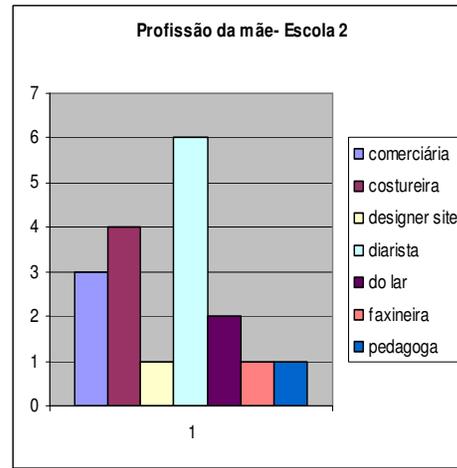
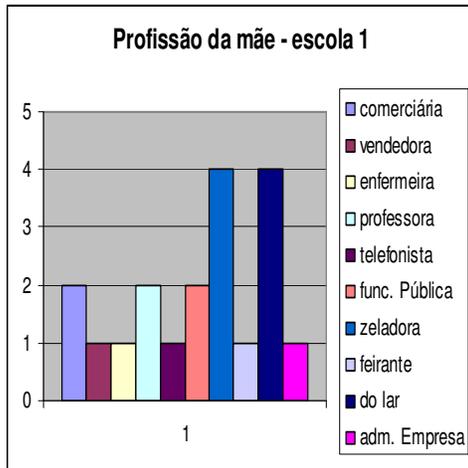
construídos a partir dos dados coletados pelas respostas ao questionário, constatamos que a escola 1, pela faixa etária dos alunos pesquisados, entre 15 a 17 anos, é uma escola com baixo ou quase nulo índice de defasagem idade /série; o mesmo não acontece com a escola 2 que apresenta uma variação de idade entre 15 e 28 anos. Mesmo que a maioria esteja com idade compatível, a presença de alunos com idades tão diferentes representa que, na escola 2, de algum modo, houve um movimento de procura por formação escolar que envolve a diferença social entre os espaços pesquisados. Além da faixa etária, outro dado que mereceu atenção foi a diferença entre o número de alunos do sexo feminino comparado com alunos do sexo masculino. As duas escolas apresentaram percentual maior para o sexo feminino. A primeira delas, que representa a escola central, apresenta um número elevado de meninas comparado à escola da periferia, essa similaridade de ambas as escolas indica que a situação social ainda é fator que contribui para manter uma situação de inferioridade sexista, pois as meninas precisam de mais formação acadêmica para ingresso no mercado de trabalho. Aliada a essa desvantagem para o grupo do sexo feminino, os alunos fora da faixa etária são também do sexo feminino, moças casadas que já constituem família, situação que implica algumas restrições quanto à disponibilidade para a leitura e os estudos. Abaixo estão os quadros demonstrativos da diferença de faixa etária e de gênero entre as duas escolas:





A situação familiar é outro ponto que apresentou diferenças relevantes. Quanto à escolaridade dos pais, a situação de superioridade de formação acadêmica do gênero feminino repete a amostragem de acesso à escola dos filhos. Na escola 1, os dados apresentaram formação acadêmica similar entre pai e mãe. Contudo, as mães apresentam vantagem no ingresso ao Ensino Superior, enquanto os pais se destacam no Ensino Médio. A incidência de analfabetismo é nula entre os pais e mínima entre as mães:



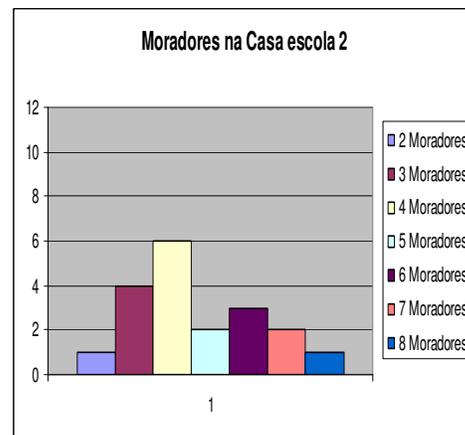
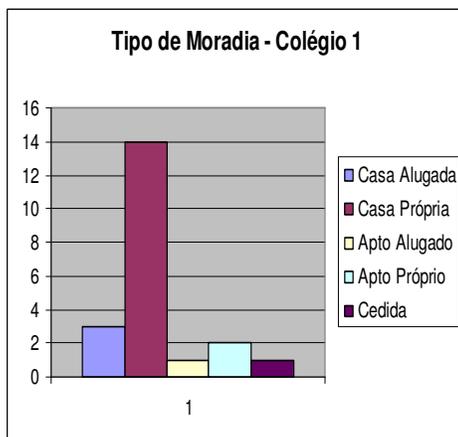
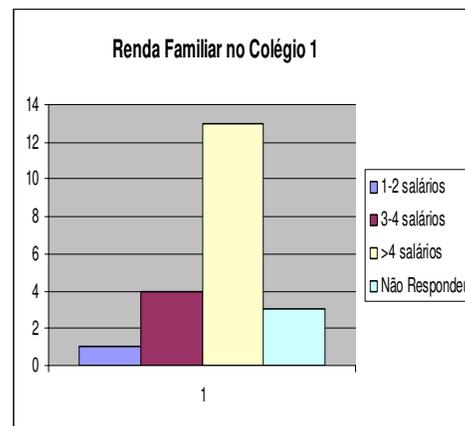
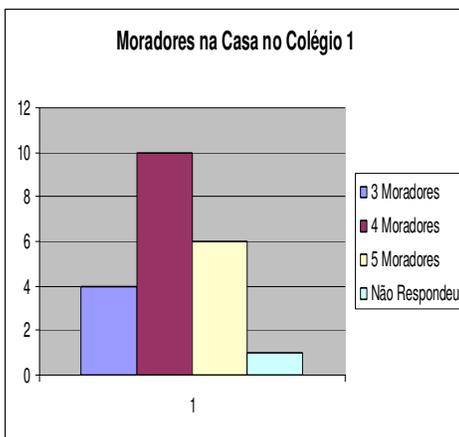


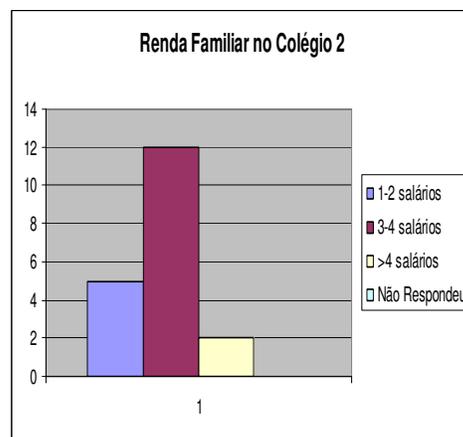
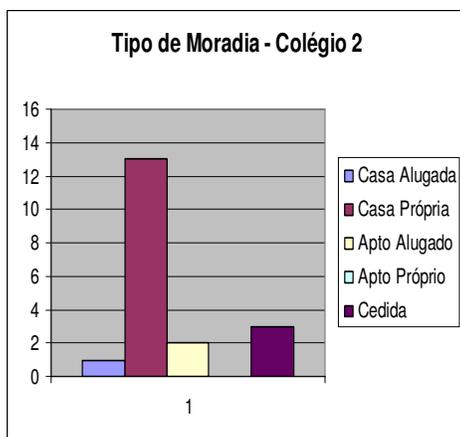
A diferença do nível de escolaridade entre pais e mães, contudo, não corresponde à situação profissional de ambos. Os pais apresentam, no geral, escolaridade menor, entretanto são eles que apresentam uma situação no mercado de trabalho mais regular, e isso pode evidenciar a relação entre o menor interesse do sexo masculino pela escolaridade. Os gráficos apontam duas direções: os homens ingressam cedo no mercado de trabalho e deles não é esperada tanta escolaridade. Entre os pais da escola 1, as profissões são bem remuneradas e há mais trabalhadores autônomos. A escola 2 apresenta um número maior de pais com vínculo empregatício e menos trabalhadores autônomos. Interessante que, mesmo a situação apresentada como desfavorável aos homens da escola 2, é justamente nessa escola que aparece o maior número de mães que se ocupam dos cuidados com a família, ou seja, é o maior índice de mulheres que não trabalham fora de casa e as que o fazem são, na maioria, diaristas, ou seja, não precisam da formação para exercer a profissão. Essa primeira constatação permite uma afirmação: a situação de preconceito sexista ainda é muito forte em nossa

sociedade, em especial entre as pessoas de situação econômica desfavorável, e se reflete na formação escolar. Pelos dados dos alunos pesquisados, percebe-se uma continuidade da situação social dos pais.

#### 4.3 Aspectos econômicos

A situação econômica das famílias entre as duas escolas apresenta diferenças significativas, com vantagem para a Escola 1. Observando os dados levantados, percebemos que essas diferenças afetam e direcionam a convivência familiar, com maior número de pessoas dividindo espaço familiar na escola 2:



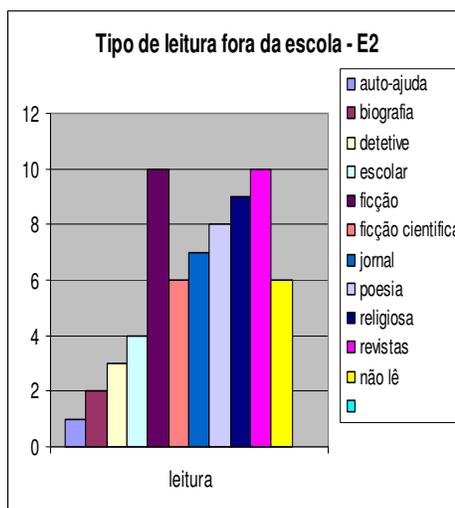
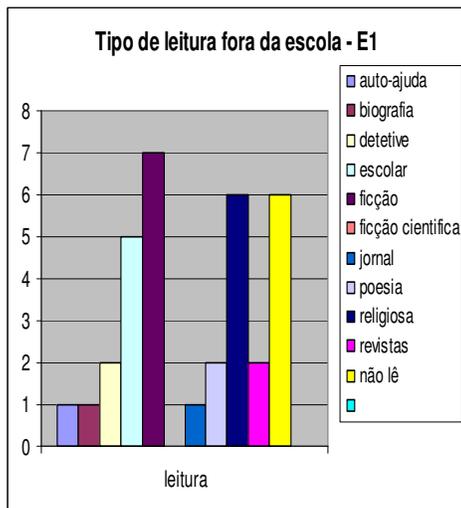


Alunos da escola 1 apresentam menor número de moradores por residência, com índice de três moradores, subentendendo famílias com filho único, situação que sugere maior atenção afetiva, maior acompanhamento na formação escolar e também superioridade financeira para investimento na educação. A escola 2 apresenta maior incidência de residências com quatro moradores, sugerindo, pelos mesmos critérios, famílias com dois filhos. Matematicamente, alunos da escola 2 têm investimentos em educação 50% menor que os alunos da escola 1. Além disso, a escola 1 apresenta cinco pessoas como número máximo de moradores, enquanto a escola 2 chega a oito pessoas, o que aumenta a despesa da família e diminui o investimento *per capita*. O tipo de moradia em ambas as escolas é praticamente equivalente, a maioria mora em casa própria sugerindo estabilidade e continuidade de projetos familiares.

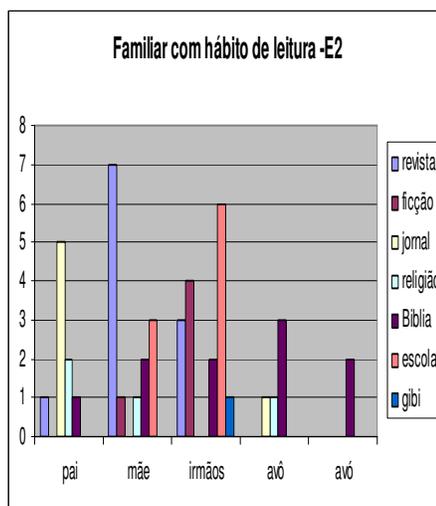
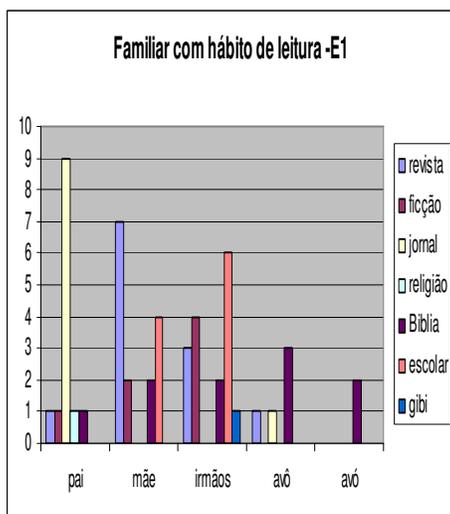
A renda familiar, considerando o tipo de moradia e o número de moradores na residência, é que determina a superioridade econômica da escola 1, em que a maioria das famílias recebe mais de quatro salários, fator aliado ao número inferior de pessoas que sobrevivem desse recurso. Assim sendo, a escola 1 apresenta uma vantagem econômica significativa em relação à escola 2.

#### 4.4 O meio familiar e a influência na formação do leitor

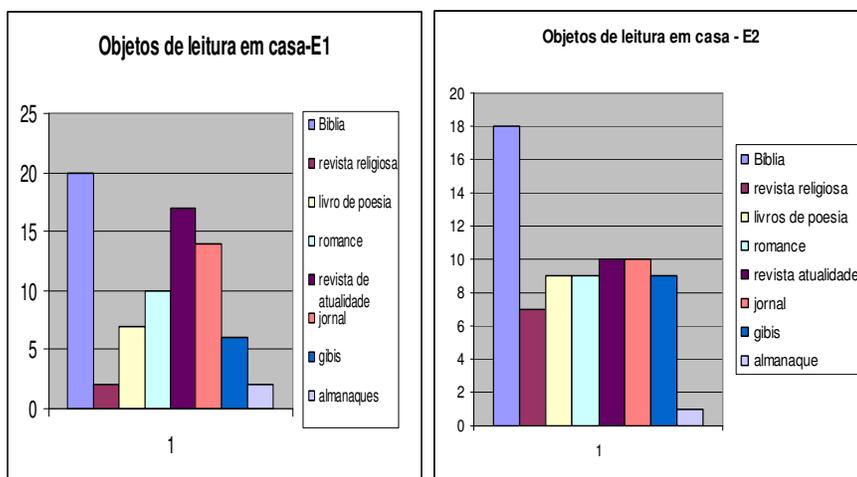
As leituras feitas pelos alunos fora da escola indicam que há proximidade de preferência entre os dois grupos. Os alunos que declaram realizar algum tipo de leitura fora da escola indicaram a preferência por ficção. Contudo, há indicações significativas de outros tipos de leitura como poesia, obras religiosas e revistas. A escola que mostrou mais alunos lendo material referente à formação escolar foi a escola 1. Observem-se os gráficos:



Os alunos da escola 1 apresentam hábitos de leitura mais regulares, os interesses ficam na ficção e na leitura de material religioso. A opção pela ficção representa a escolha pessoal do leitor e a leitura religiosa pode ser influência pelo convívio familiar. A escola 2 não apresenta a mesma regularidade de leitura apresentada pelos estudantes da escola 1. A ficção também foi indicada juntamente com leitura de revistas como a principal leitura desse grupo, porém outros gêneros foram contemplados com expressividade. Um dado contrastivo foi que a escola 1 teve um número maior de alunos que se declararam não- leitores. Quanto aos hábitos de leitura, eis os resultados:



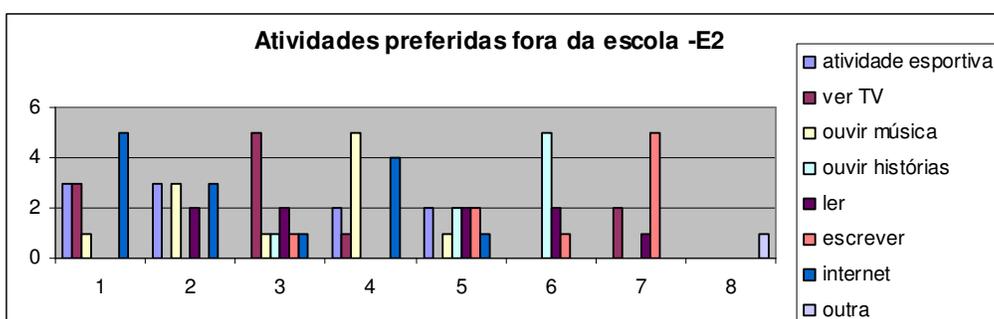
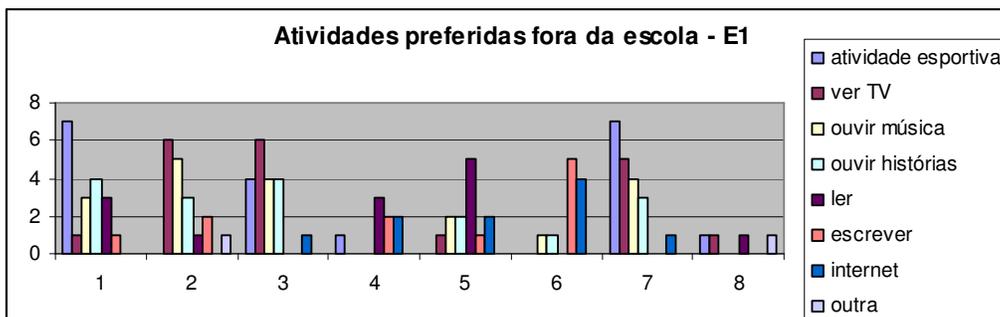
A influência dos familiares nos hábitos de leitura foi significativa. Como muitas mães não trabalham fora de casa, fica o pai responsável pelo sustento da família, situação típica de família com organização patriarcal, que reserva, assim, à figura feminina, o papel de incentivadora da vida escolar dos filhos. Confirmando essa hipótese, as duas escolas mostram significativa influência da mãe como modelo de leitora. Na escola 2, figura como leitor, em primeiro lugar, a mãe, seguida pelos irmãos, ou seja, figuras que têm maior proximidade, e, felizmente, o índice de alunos que se declararam não leitores foi menor nessa escola. Além da influência de leitores na família, outro elemento considerado foi o objeto de leitura disponível em casa:



O objeto de leitura que a maioria declara possuir em casa é a Bíblia. Em seguida, são apontados pelas duas escolas o jornal e a revista de atualidade, materiais que apresentam maior possibilidade de leitura a partir de interesse cotidiano. Pelo número de textos que contemplam uma leitura mais funcional, essa indicação não pode definir o perfil do leitor em formação. Porém, há possibilidade de contribuição para formar leitores, considerando a necessidade de material a sua disposição.

#### 4.5 A leitura como prática social

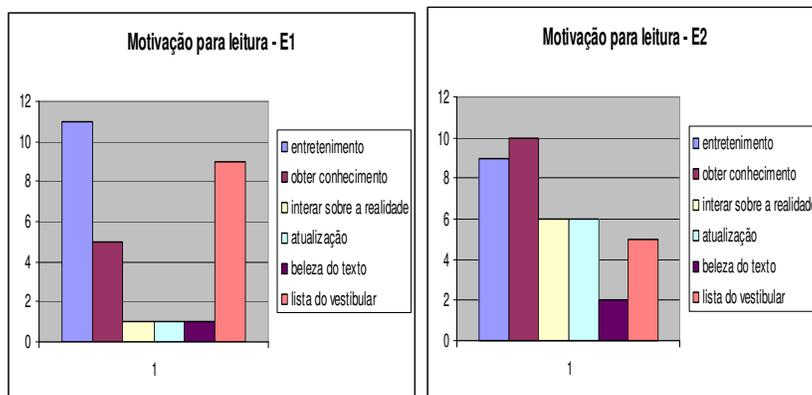
A formação do leitor envolve o meio social. Nesse aspecto, procuramos investigar entre os leitores pesquisados alguns elementos que constituem a formação do leitor, tais como: o tipo de material, atividades de preferência e motivação para leitura no espaço escolar, o qual é reconhecido nesta pesquisa como segundo espaço social. Eis os dados recolhidos:



As atividades feitas fora de casa, tendo como critério o gosto pessoal, apontam diferenças entre os grupos. A escola 1 tem na atividade esportiva seu maior foco de interesse, pois nela há uma situação de interação maior entre esses alunos. Considerando para tal conclusão o senso comum de que a atividade esportiva é majoritariamente feita em grupos, outro fator que aponta para concretizar essa conclusão é que as preferências da escola 1 seguem um padrão mais regular nas atividades citadas. A escola 2 aponta preferência para atividades individuais: internet, assistir à TV, ouvir histórias e ouvir música. Nesse grupo, houve um direcionamento individualizado para as atividades fora da escola. Esse é uma informação que confirma a constatação de que a interação com o grupo ocorre no espaço escolar, pois os alunos da escola 2, declaram gostar do ambiente escolar.

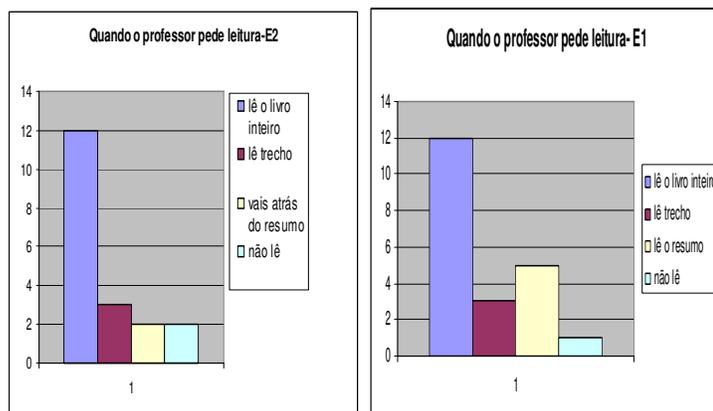
A motivação para leitura dos dois grupos seguiu rumos diferentes. O primeiro grupo declarou entretenimento como a primeira motivação para leitura seguida pela indicação da lista de vestibular. Enquanto o segundo grupo declara que a primeira motivação é para obtenção de conhecimento, seguido pelo entretenimento, o outro demonstra preocupação menor com a necessidade de ler livros sugeridos na indicação de leitura para o vestibular. Essas resposta indicam que a leitura feita pelo grupo 1 é voltada para o espaço escolar,

enquanto o grupo 2 segue outras motivações para leitura e apresenta-se com mais autonomia de leitura. Como se observa nos dados tabulados:

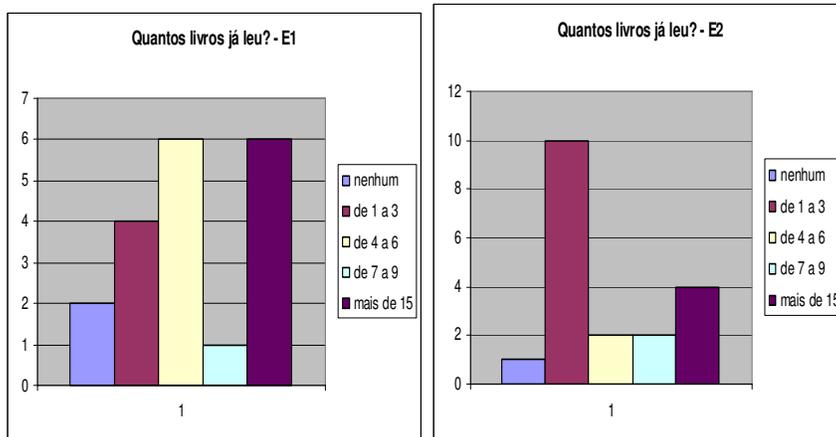


#### 4.6 O espaço escolar e sua influência na formação do leitor.

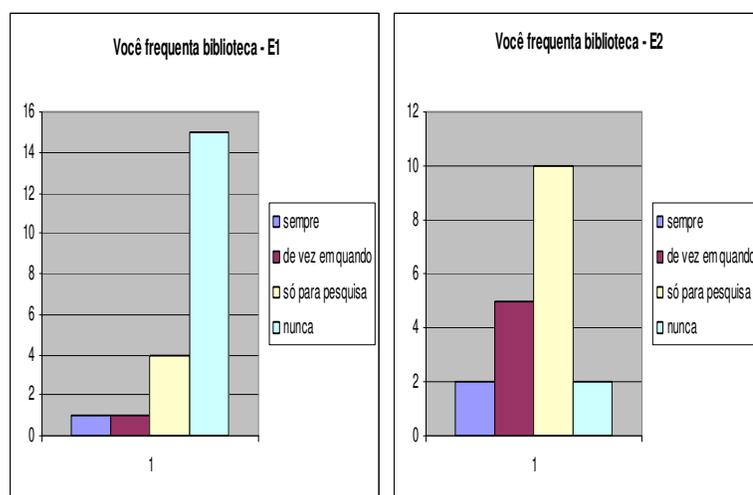
O direcionamento das respostas apresentadas abaixo é para a leitura no espaço escolar, abrangendo questões de leitura no aspecto pedagógico, na quantificação de títulos quanto ao uso de espaços destinados à leitura:



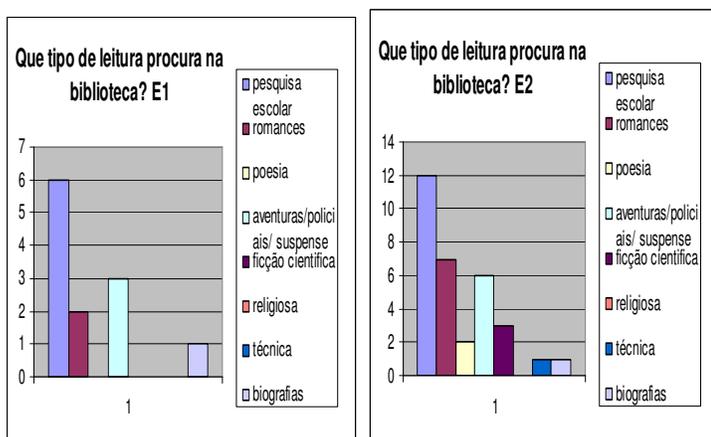
A primeira pergunta foi sobre o retorno obtido quando a leitura era solicitada pelo professor. Nos dois grupos, a indicação do professor foi atendida positivamente, pois a maioria, tanto num grupo quanto no outro, respondeu que atendia à indicação e fizeram as leituras. Porém, é bom esclarecer que essas solicitações estavam vinculadas à avaliação escolar e o aspecto positivo dessa questão é que poucos alunos deixam de fazer a leitura. No grupo 1, apenas um aluno não faria a leitura indicada e, no grupo 2, dois alunos não o fariam. Quanto à quantidade de livros, temos:



O levantamento das respostas para a quantidade de livros lidos apresenta os seguintes dados: entre alunos da escola 1, o índice ficou em torno de quatro a mais de quinze livros, enquanto entre os alunos da escola 2 o número de livros lidos do começo ao fim foi de apenas um a três livros. Esses dados estão ligados à proposta pedagógica de trabalho com a leitura desenvolvida pelas escolas. A escola 1 adota a indicação de livros no início do ano, junto com o material escolar para o trabalho anual; são indicados dois livros por bimestre. A escola 2 trabalha por blocos, portanto os alunos têm a carga horária anual compactada e há menor indicação de leitura. Contudo, ela é trabalhada na escola 2 durante todo o ano e em todas as disciplinas. Uma vez por semana, há um espaço destinado à leitura, no qual são trabalhadas atividades que envolvem toda a escola. A proposta é que, em dias alternados, aconteça uma aula de leitura, momento em que todos param as atividades escolares e se dedicam exclusivamente a ler. O questionamento seguinte refere-se à frequência a biblioteca. Eis os d

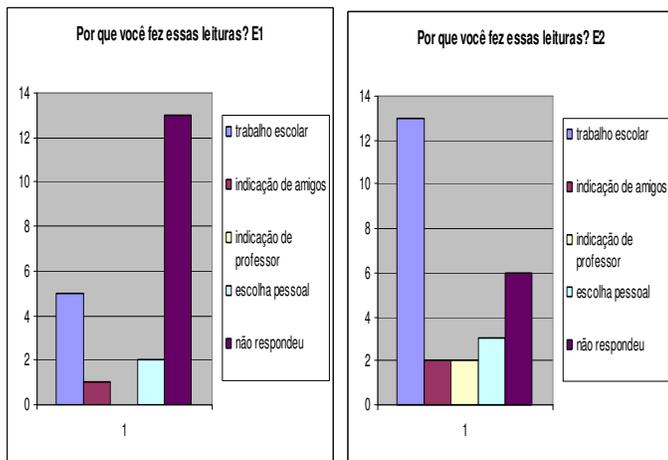


O número elevado de alunos da escola 1 que nunca frequenta a biblioteca se explica pelo fato de a escola 1 estar com sua biblioteca desativada. Quanto à frequência à biblioteca, apesar de parecer incoerente com o perfil do grupo até o momento, os gráficos apresentam mais uma situação predial que mesmo o hábito de leitura. Assim, para realizar o trabalho de leitura, os alunos da escola 1, compram seus livros no início do ano e não fazem uso da biblioteca. Na escola 2, a biblioteca funciona em um espaço pequeno, há uma mesa grande para estudos, entretanto essa é frequentemente usada para acomodar alunos que estejam cumprindo algum tipo de suspensão. Quanto ao tipo de leitura procurada pelos grupos na biblioteca, apresentamos os gráficos:

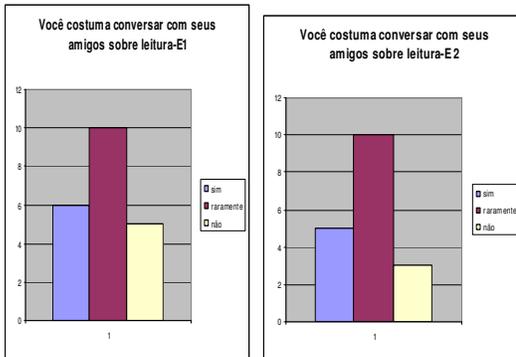


O tipo de leitura procurada na biblioteca é voltado para a pesquisa escolar, e, normalmente, ela é realizada em equipes. Não é comum as bibliotecas escolares serem usadas como espaço de leitura; mesmo os alunos da escola 2 que têm acesso à biblioteca declararam que apenas fazem empréstimos dos livros e que as leituras são feitas em casa ou em outros ambientes. No caso da biblioteca ativada, havia uma professora readaptada atendendo aos alunos em um período e uma funcionária do quadro técnico administrativo, ambas sem formação para o cargo. Além do empréstimo de livros e apoio aos alunos nas pesquisas, na biblioteca tem sob a responsabilidade das mesmas funcionárias o funcionamento da fotocopadora. No caso, a pessoa responsável pela por esse ambiente precisava dar conta de reproduzir material, receber - pois as cópias são comercializadas - cuidar de alunos que estivessem cumprindo algum tipo de punição e, depois, se sobrasse tempo, cuidar do acervo. Os empréstimos são anotados em caderno espiral. Estivemos na escola no final do ano letivo e, em apenas duas manhãs, conseguimos anotar todo o movimento. Há casos em que alunos

levam o livro para empréstimos e a atendente da biblioteca está ocupada fazendo fotocópias ou recebendo contas, e, para não atrapalhar essa atividade, o aluno leva o livro emprestado, para a atendente fazer a anotação posteriormente. Questionamos qual a motivação do leitor ao buscar leitura em uma biblioteca. Eis, as respostas obtidas:

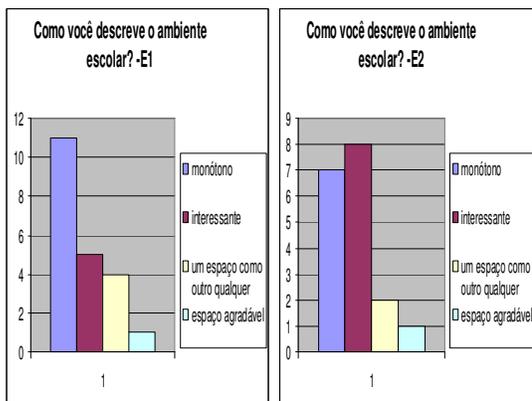


A motivação principal é a pesquisa escolar considerada, neste contexto, leitura de manuais didáticos para solução de exercícios mais elaborados ou trabalhos de pesquisa direcionados. Outro dado a ser pensado é a indicação de leitura, pois, na escola 1, os alunos declaram que não há indicação do professor para leitura além das listadas no começo do ano para as avaliações; há apenas de amigos, mesmo assim num índice insignificante. A falta de indicação do professor da escola 1 pode ser devido ao fato de a biblioteca estar desativada, porém o espaço dispunha de um bom acervo e o professor poderia agendar visita e requisitar uma pessoa responsável para acompanhá-lo. Na escola 2, a indicação do professor e a dos amigos se equivalem quantitativamente o que leva a crer que essas indicações não são feitas no coletivo escolar, mas são frutos de conversas individuais. Falar sobre leitura, trocar informações e indicar livros são comportamento comum entre leitores, perguntamos ao grupo se há entre eles o hábito de discutir as leituras feitas, eis as respostas:



Pelos questionários respondidos, constatamos que havia pouco espaço para discussão de leitura no cotidiano escolar. A maioria relata discutir raramente sobre leituras feitas e, geralmente, as discussões são direcionadas à realização de prova de literatura ou quando há abordagem temática de interesse dos alunos. Na escola 2, a conversa sobre leitura também faz parte de um momento escolar avaliativo, o qual é reservado ao projeto de leitura, em que abordam questões abrangentes, e a participação do aluno é mais solicitada. Há, por exemplo, espaço para indicação de obras e conversas livres sobre impressões de leitura. Contudo, a discussão voluntária fora da orientação em sala de aula é praticamente inexistente.

Um ponto relevante em nossa pesquisa é investigar o que o aluno pensa sobre o espaço escolar, pois nosso trabalho envolve esse espaço. Eis os dados coletados:

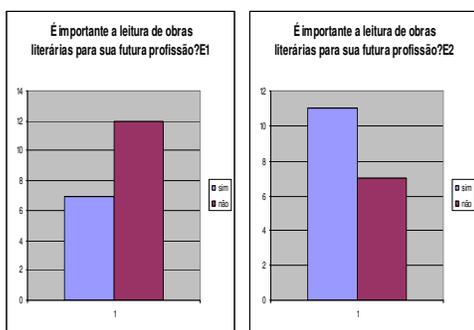


O espaço escolar visto pelos dois grupos pesquisados tem percepções diferentes. Enquanto na escola 1 a maioria descreve o ambiente como monótono, a escola 2 foi descrita como interessante, deixando a classificação de monótono para segundo plano. Um dado preocupante é que, nas duas escolas, o índice de alunos que consideram a escola como espaço agradável é mínimo. Essa forma de encará-la leva a crer na necessidade de dinamizar o

espaço escolar e a repensar a metodologia de ensino, pois é complicada a aprendizagem em um ambiente que tenha rejeição como a apresentada.

#### 4.7 A importância da leitura literária para a profissão

O questionamento representado pelos dados tabulados abaixo apresenta um momento significativo de nosso trabalho: saber qual importância dada a esse tipo de leitura pelo grupo envolvido na pesquisa, pois é essa significação ou não para a vida do leitor que pode de alguma forma levá-lo a buscar esse tipo de leitura:



Quando questionados sobre a importância da leitura de obras literárias para a futura profissão, há uma significativa divergência de opiniões. Na escola 1, o alto índice de alunos que respondem que essa leitura não é importante para sua profissão é um dado que merece discussão. As respostas do primeiro grupo indicam uma concepção de senso comum de que a leitura serve, exclusivamente, a um objetivo didático específico: a melhoria de vocabulário. Entre os alunos da escola 1, que declaram que haveria importância da leitura para seu futuro profissional, as respostas orbitam em torno do uso da literatura como uma leitura funcional. Destacamos três respostas, as duas primeiras sendo pontuais na indicação do ato de ler como instrumento de ampliação de vocabulário: “Por que pretendo seguir a carreira que tem que ler e escrever muito bem, obras literárias por serem muito complexas facilitam nas outras” (I.O.G., 17 anos). Eis outra opinião favorável à importância da leitura nessa mesma linha de raciocínio: “pois a profissão que eu pretendo cursar não está relacionada a isso, mas acredito que a leitura é muito importante, pois aumenta o conhecimento de vocabulário”( V.M.M., 15 anos). A primeira resposta indica uma leitora que encara a literatura como uma atividade difícil. Comum às duas respostas estava a concepção de literatura como um caminho árduo para preparação para outras leituras. A segunda reafirma a leitura como meio de melhorar o vocabulário. A terceira resposta apresenta uma posição recorrente, no caso, o leitor já escolhe

uma profissão que ele considera que exige leitura: “pois pretendo fazer direito, que é um curso em que a leitura é imprescindível”, (K.B.M., 16 anos).

Entre alunos que negam a importância da leitura para o futuro profissional, os argumentos mais usados foram: “Porque eu o que eu gostaria de formar em uma profissão que não precisa de tanta leitura” (B.R.P., 16 anos) “Não porque sou atleta” (M.R.S.A., 17 anos), “Não é importante, porque não vai interferir na minha profissão não vai ser usado no que eu pretendo fazer” (J.M.F.S.J., 17 anos). As respostas direcionam a pensar que as noções de estudos literários adquiridos ficam no âmbito da funcionalidade e da aplicabilidade. Assim, os alunos que consideram importante é porque eles veem de alguma forma o uso instrumental desse conhecimento. Esse fica restrito à função de adquirir habilidade linguística, um objetivo que não deixa de ter sua importância, entretanto é uma dimensão pequena para um aluno que já tenha uma caminhada de pelo menos dez anos em espaço escolar. As justificativas da negação da importância da leitura de obras literárias seguem a mesma linha de raciocínio, ou seja, é considerada uma atividade que só será usada em determinadas situações e, portanto, não há porque todos estudarem, pois este é um campo restrito a quem pretende ter uma profissão em que a leitura e a escrita sejam uma constante.

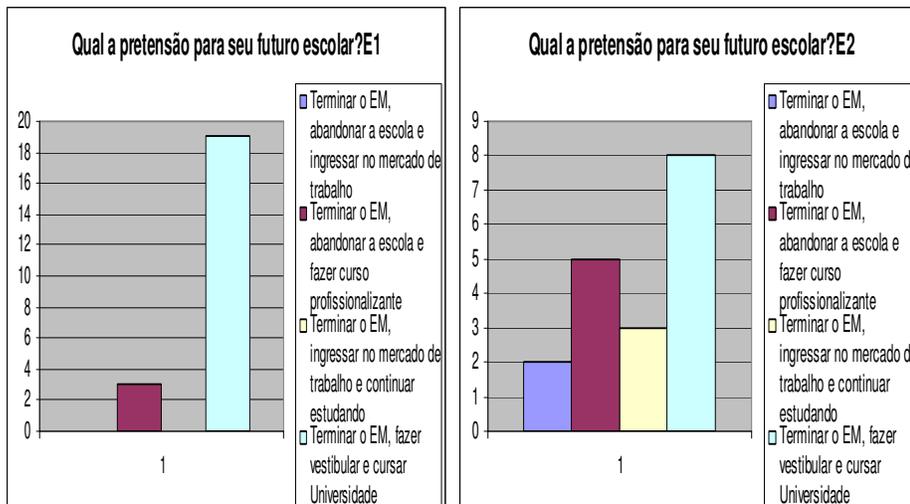
Uma posição diferenciada sobre a importância da leitura de textos literários para o futuro escolar é apresentada pelo grupo 2. Entre os alunos que declaram que há importância, as respostas apontam várias justificativas; tais como: “para ter conhecimento daquilo que você vai fazer”, (G.C., 16 anos), “sim, pois a leitura em si é importante para obter conhecimento, e não só para o que pretendo para minha vida mas para qualquer profissão” (D.A., 15 anos), “sim, você fica com mais cultura e aprende a compreender”, “seja qual for a profissão, deve-se ter em mente que a leitura é primordial para evolução intelectual e cultural de qualquer pessoa” (A.L.J., 16 anos), “a leitura nos ajuda no desenvolvimento da cultura, da *compreensão*, ou seja, é importante em qualquer profissão” (P.S.deM.G., 16 anos), “sim, porque te dá uma visão ampla sobre o assunto” (W.S.N., 16 anos), “ pois ao ler um livro você obtém conhecimento e aprende a argumentar melhor” (W.H., 15 anos). Essas respostas nos levam a perceber uma diferença de abordagem de leitura nas escolas, pois, na segunda abordagem, pelas respostas dos entrevistados, atribui-se um valor amplo à leitura, porque sai da funcionalidade imediata da leitura, que passa a ser vista como formação humana, independente de qual seja a profissão escolhida.

Os alunos que negam a importância da leitura literária fazem as seguintes argumentações: “não tem nada a ver serei cabeleireiro” (J.A.S., 16 anos), “não tenho profissão

definida” (A.S.M. 15 anos), “quero cursar a área de exatas” (P.M.S., 16 anos). Essas respostas seguem o direcionamento da escola 1, na qual a atividade literária é vista como um instrumento de uso imediato e funcional e, caso não caiba nesse contexto, perde a validade.

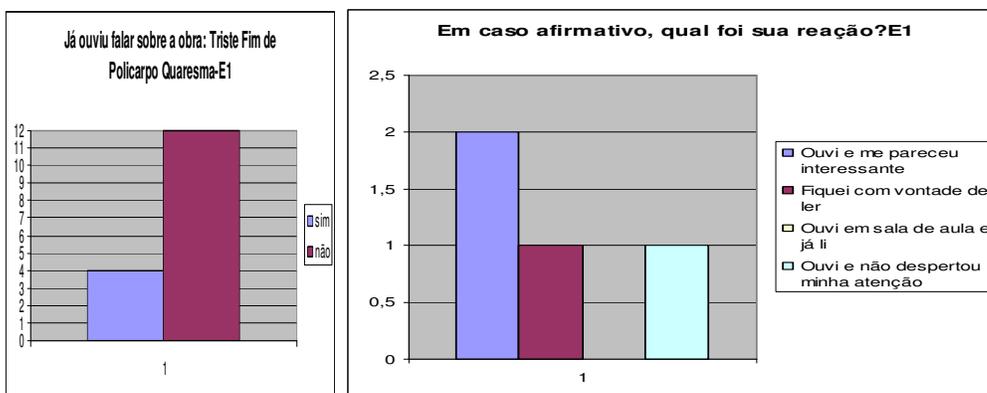
Em seguida, é questionada a opinião dos alunos sobre a lista de leituras indicadas para o vestibular. No grupo pesquisado na escola 1, as respostas favoráveis foram: “Bacana, boas, interessantes”,(W.S.N., 16 anos) “muito puxado”,(J.A.S., 16 anos) “bom, mas deveria ser atualizado”,(D.A.,15 anos) “interessante, mas cansativo e complexo”(G.C.,16 anos) pelas respostas obtidas há uma imprecisão. A resposta do grupo está dispersa e os alunos demonstram pouco conhecimento a respeito das obras catalogadas, como veremos na questão referente ao fato de eles já terem ouvido falar sobre *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, que é uma obra indicada para o vestibular e para o PAS, no entanto, poucos alunos têm essa informação. Os estudantes que marcam posição de rejeição sobre as listas de indicação de leitura para o vestibular deram resposta tais como: “livros antigos, entediante que não despertam a vontade de ler”(A.S.M., 15 anos), “nada, desconheço a lista”(J.A.S., 16 anos).

Na escola 2, há maior número de respostas favoráveis à lista, seguindo a ideia da leitura como elemento formativo da cultura acadêmica. As respostas são: “Acho que é uma proposta interessante, pois nos estimula a ler obras literárias e nos ajuda a desenvolver nossa cultura”,(L.N., 15 anos) “boas porque você adquire um conhecimento que se não fosse imposto a você, o mesmo não o teria”,(A.J.S.C., 16 anos) “Penso que é interessante, pois estimula a ler livros da literatura brasileira”,(J.E.S., 17 anos) “é uma forma de estimular os jovens a procurar obras literárias importantes”(P.H.S., 16 anos). Além dessas respostas, houve as mais genéricas, tais como: legal, interessante, boas. As respostas negativas seguem a mesma linha da escola 1, porém a escola 2 marca com mais clareza a rejeição e o interesse por esse tipo de leitura: “nada, eu ainda não procurei”,(J.A., 17 anos) “não conheço a lista”,(A.P.L.,16 anos) ”Não sei, pois nunca procurei saber as propostas para os concursos vestibulares”(A.P.N., 16 ano). Essas respostas são um índice que nos permitem a leitura do ensino de literatura atualmente como uma disciplina que não atende nem à necessidade de formação literária como suporte cultural, nem como instrumental de ascensão acadêmica. O questionamento seguinte aborda a pretensão para o futuro escolar. Eis os dados levantados:



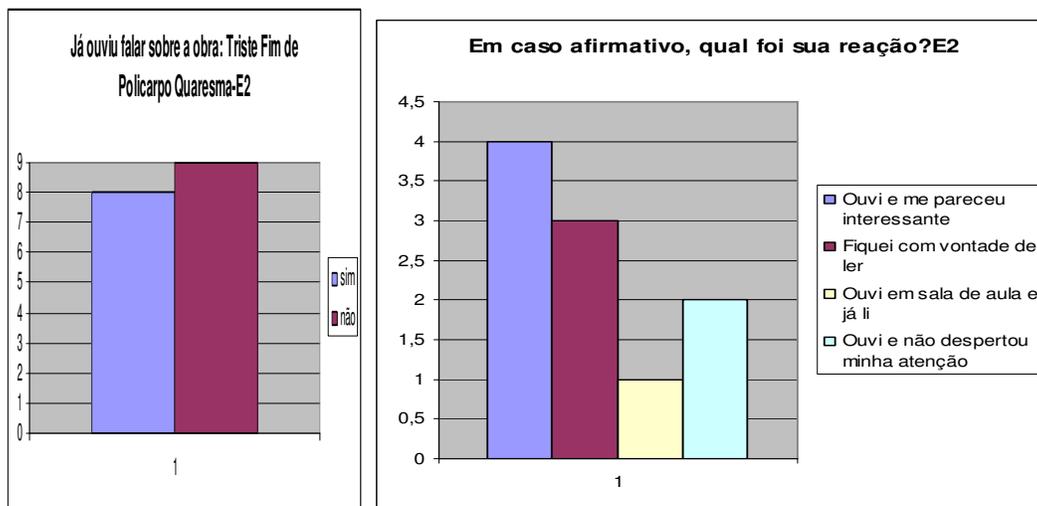
Quanto à pretensão para o futuro escolar, a maioria dos alunos da escola 1 responde que pretende terminar o Ensino Médio e cursar uma universidade. Na escola 2, há pretensões mais heterogêneas, mesmo assim a de cursar uma universidade é citada por um número considerável de entrevistados.

Nosso último questionamento é sobre a obra trabalhada na oficina, levando em consideração o número elevado de alunos que pretendem ingressar na universidade, como demonstra o quadro acima, ficamos surpreendidas pelo mesmo o elevado número de alunos que declararam não conhecer a obra. Eis, os gráficos com os dados coletados:



Há um alto índice de alunos que declaram desconhecer a obra, a qual é uma indicação para o vestibular seriado, a ser realizado no final do ano, e a oficina é aplicada no final do mês de setembro, por isso causa estranhamento. Entre os que declaram já ter ouvido falar, 50% dizem que a obra parece interessante. Dos entrevistados, 25% se declaram interessados pela leitura contra outros 25% que dizem não ter despertado a atenção. Esse resultado nos aponta

que a questão da leitura direcionada à lista de vestibular, mesmo em estabelecimento em que o foco esperado seja para a preparação do aluno para o vestibular, há desencontro de informações e de linha de trabalho:



Os dados da segunda escola apontam maior número de alunos que já ouviram falar sobre a obra, com diferença percentual bem maior. Entre os alunos que afirmam já ter ouvido falar sobre o livro, apenas 22% declaram não ter despertado a atenção para a leitura e um aluno já havia lido o romance. Podemos afirmar também que a receptividade dos alunos dessa escola para obra é bem maior que a demonstrada pelos alunos da escola número 1. A situação de tempo é similar à primeira escola, ou seja, a oficina é aplicada no último bimestre do ano.

#### 4.8 Fechando a oficina

Apresentamos nossas considerações a respeito da pesquisa. Abordamos a recepção de leitura dos dois grupos que participaram das oficinas, baseados nas respostas ao questionário 2, apêndice 3, e nas discussões oportunizadas em sala de aula. Esse direcionamento investiga a posição do jovem leitor, e, em seguida, relacionamos as respostas obtidas com o trabalho pedagógico de leitura das duas escolas e da organização curricular.

Os grupos de pesquisa, tanto da escola 1 como da escola 2, recebem um exemplar do livro *O triste fim de Policarpo Quaresma*, os quais foram adquiridos com recursos próprios da pesquisadora. O livro trabalhado é de papel jornal, portanto uma de nossas primeiras preocupações é com investigar se esse fato influencia de alguma forma a leitura a questão 1, do apêndice 3, a qual é direcionada às impressões dos leitores pesquisados sobre o objeto de

pesquisa, abarcando a qualidade do papel, o tamanho da letra, a capa e o paratexto. A qualidade do papel é considerada boa pela metade da turma e a explicação para essa conceituação seria porque o papel é reciclado e, portanto, representa uma atitude ecologicamente correta. O restante do grupo fica entre as classificações diferente, média, escura, porém ressaltam que isso não prejudica a leitura. Na escola 2, o grupo pesquisado fica, na maioria, com o conceito bom e indiferente, para leitura entre as classificações de bom, há apenas uma resposta voltada à motivação do papel ser ecologicamente correto. Esse grupo apresenta mais rejeição ao material, pois há mais incidências de ruim, feio e frágil.

O tamanho da letra tem significativa influência negativa na leitura, por isso treze alunos respondem que o tamanho da letra dá sono, cansa e, há uma descrição de cansaço “a letra é muito pequena parece que nunca vai acabar de ler”, (N.N.S.R., 16 anos). O grupo da escola 2 considera de pouca importância o tamanho da letra, apenas quatro alunos consideram-na pequena e, por isso, torna a leitura cansativa.

A capa é considerada boa pela maioria do grupo da escola 1. No entanto, entre os quatro alunos que não gostaram, as justificativas são de que a ilustração não representa o enredo, é muito patriótica, não é atraente e nem convidativa. Na escola 2, todas as respostas foram positivas. O paratexto é lido por um aluno do primeiro grupo que o classificou como interessante, já os demais não leram; situação diferente do grupo da escola 2, em que apenas dois alunos não leram; os outros consideraram essa informação boa e que ajuda a compreender a obra.

As considerações dos dois grupos são importantes para avaliar a primeira impressão do trabalho. Fica claro nas respostas que o grupo da escola 1 não acredita na Oficina, ou mesmo, dá pouco valor ao trabalho, pois esse questionamento é feito após quinze dias e, mesmo assim, a maioria dos alunos não responde a todas as questões, inclusive alguns, assim que recebem o questionário, perguntam quando seria a recuperação. Uma situação como essa possibilita subentender o trabalho de leitura apenas para efeito de responder a avaliações ou preencher fichas de leitura. Além disso, esses alunos não trazem o livro que, conforme combinado no início do trabalho, deveria estar com o leitor em todos os momentos da oficina. A escola 2 teve uma postura diferente, visto que todos trazem o livro e fazem as leituras em casa; com isso, as discussões são mais produtivas

Ainda no questionário III, são apresentadas perguntas sobre a personagem título Policarpo Quaresma, cujo intuito é fazer um levantamento de como os alunos fazem projeções e representações pessoais de seu mundo de perspectivas sobre as da personagem. Perguntados

se eles haviam conhecido alguém que tenha vivido uma história parecida com a de Policarpo Quaresma, nas respostas da escola 1, apenas um aluno responde de maneira afirmativa, porém essa pessoa era personagem de uma novela. Por outro lado, os demais respondem que não conhecem ninguém; com isso percebe-se um certo distanciamento da realidade da personagem. Essa constatação apresenta uma leitura um pouco diferente na escola 2, onde quatro estudantes reconhecem as características num colega de sala e um aluno afirma já ter conhecido uma pessoa como a personagem “que lutava por seus ideais até o fim”(A.J.S., 16 anos). Os que reconhecem um colega de sala como semelhante a Policarpo consideram a qualidade de leitor e a preocupação com adquirir cultura como fator que liga o colega de sala ao personagem. Há uma resposta que merece comentário, pois um aluno responde que não conhece ninguém, porque atualmente um leitor assíduo não é motivo de críticas, pelo contrário, recebe um valor especial dentro da sociedade.

#### 4.9 A proximidade da ficção e a realidade

A primeira questão é direcionada a verificar se há alguma projeção do leitor com a ficção. Questionados sobre o que mais gostaram na personagem título, os grupos mostraram diferenças. O primeiro valoriza qualidades individuais e o segundo grupo as ações coletivas como a valorização da cultura nacional. Em contrapartida, quando questionados sobre o que não agrada na personagem título, o primeiro grupo aponta o fato de que Policarpo não aceita a opinião dos outros e que ele é muito previsível. Já o segundo grupo aponta como negativa a reclusão e que ele cultivava poucos amigos.

Quando questionados sobre a possibilidade de os fatos narrados acontecerem, o primeiro grupo fica bem dividido entre ser possível ou não o episódio ocorrer fora da literatura. O segundo grupo responde quase com unanimidade que é perfeitamente possível a ocorrência dos fatos. Os leitores também entendem que há uma discriminação contra Policarpo. A posição do primeiro grupo é de uma atitude passiva diante da constatação, pois eles consideraram normal que uma pessoa com hábitos não convencionais seja vítima desse tipo de atitude. A impressão que se tem pela resposta é de que Policarpo é, de fato, responsável pela reação provocada. O segundo grupo também reconhece a discriminação sofrida pelo personagem, mas caracteriza esse comportamento como uma atitude de incompreensão e de desrespeito da sociedade para com um homem de tão boas qualidades. O segundo grupo reconhece em Policarpo um cidadão vitimizado.

A impressão geral sobre os personagens do texto é respondida por um número mínimo de alunos da primeira escola, já que apenas quatro deles tiveram condições de responder, e os demais declaram não ter lido a obra por considerarem a narrativa desinteressante e a história monótona. Entre os que responderam, as personagens apontadas em uma descrição livre estão: em primeiro lugar, Policarpo Quaresma, e o aspecto apontado foi o nacionalismo como fator negativo; seguido de Adelaide e Olga consideradas personagens que apresentam aspecto positivo, no caso o de cuidarem de Policarpo. O segundo grupo seleciona maior número de personagens. Dentre as femininas, Olga é apontada como a que apresenta mais aspectos positivos: alegria, inteligência e abnegação em favor do padrinho. Adelaide é percebida como uma personagem negativa, principalmente, pelo comodismo, característica também atribuída à Ismênia.

O posicionamento do primeiro grupo para caracterizar Policarpo é o de um homem imaturo que precisa de uma mulher para cuidar dele, indicação de uma organização patriarcal. Ele precisa da mulher como responsável pelo bem-estar. E a mulher que cumpre esse papel, no caso Adelaide, é valorizada por essa atitude. O segundo grupo mostra uma posição diferenciada, pois Olga é valorizada pelo intelecto, mas o comodismo feminino é reprovado pelo grupo.

Essa diferença de posicionamento indica que os aspectos levantados no questionário socioeconômico de uma condição patriarcal ser mais comum no primeiro grupo se confirma por sua posição. A leitura primária no caminho da projeção do leitor na obra começa uma identificação individual que já traz um modelo grupal. O segundo grupo já convive com condições de organização familiar diferente, pois as mulheres são apontadas como referências de mantenedoras da casa e, conseqüentemente, é reprovada a situação de submissão.

#### 4.10 A barreira da linguagem

A linguagem é apontada de forma recorrente como um dos principais impedimentos entre leitores em formação para se realizar o ato de ler obras canônicas, e esse é um aspecto que merece nossa atenção, pois o texto trabalhado, considerando a situação de formação acadêmica e a idade do grupo pesquisado, é denso. Ademais, trata-se de um texto do século XX. Sobre essa questão, o primeiro grupo declara que não há grandes dificuldades causadas pela linguagem, contudo é esse mesmo grupo que não consegue cumprir a meta de leitura estabelecida. No segundo grupo, apenas sete alunos declaram que a linguagem causa

dificuldades para realizar a leitura, os demais concordam que ela é complicada, contudo há possibilidade de entender o texto.

Os resultados obtidos com a leitura mostram que a barreira da linguagem é mais um elemento de justificativa para a negação da atividade de leitura, uma dificuldade real, pois não há como negar que um jovem de 2010 tenha uma distância do vocabulário utilizado no início do século XX. Entretanto, a leitura precisa de mediação e o espaço escolar deve ocupar essa função na formação do leitor, caso contrário, não haveria sentido a existência de tal instituição. Apesar das pesquisas e discussões feitas referentes à mudança de abordagem no ensino da literatura, continuamos com o modelo de trabalho com historiografia, modelo esse que Jauss já demonstra inócuo, porque apenas reproduz o já conhecido e impede o leitor de agregar novos conhecimentos.

#### 4.11 As interferências do meio social

Outro fator que não poderia ser relegado a segundo plano é o período de aplicação da oficina, já que optamos pelo segundo semestre do ano. Dois pontos são considerados para realização dessa escolha. Primeiro: tempo para o planejamento e a preparação do trabalho e, segundo, a proximidade do concurso vestibular. A maioria dos alunos deixa as leituras indicadas para o mais próximo possível do concurso. Considerando essa última hipótese, pensamos que a oficina seria recebida com mais interesse. No entanto, constatamos desinteresse mesmo no primeiro grupo o qual demonstrou vontade de ingressar no Ensino Superior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este trabalho, retomamos nossa pergunta de pesquisa: o que pode motivar a leitura do jovem no espaço escolar? Não encontramos uma resposta, contudo ficaram sinalizados muitos caminhos possíveis. O princípio da motivação, como percebemos nas oficinas, depende muito da instituição e da abordagem de leitura feita. Em nossa pesquisa, acompanhamos duas escolas estaduais e obtivemos resultados diferentes. Esses resultados revelam, a nosso ver, as variáveis sociais, geográficas e econômicas, a postura pedagógica da escola e a abordagem de ensino do professor.

Uma das variáveis preponderantes entre os grupos de alunos que os fez mais irregulares, no ponto de vista cognitivo, foi a faixa etária. A presença de alunos mais velhos na escola 2 colaborou, em parte, para que essa tivesse assumido a oficina com mais seriedade. No entanto, é um dado significativo e não essencial, pois o destaque de participação nessa escola foi para três alunos numa faixa etária entre 15 e 16 anos. Na escola 1, também havia alunos fora da faixa etária esperada, porém essa diferença não passa de um ou dois anos e, mesmo assim, são alunos que não estão no mercado de trabalho e ainda vivem com os pais, ao contrário da escola 2, na qual os alunos fora da faixa etária já constituem família.

A escolha da obra e nossa hipótese de motivação dos alunos também é um ponto que merece esclarecimento. O incentivo para o vestibular entre os alunos de escolas públicas realmente cresceu; há muitos alunos com esse objetivo, porém eles ainda se acham perdidos e com pouca esperança de que a escola por eles frequentada dê base suficiente para prestar o concurso. A escola 1 mostra preocupação apenas em saber a nota que receberia pela participação; as leituras para o PAS, no que foi observada, é reservada para outro momento. A escola 2 já entende que essa leitura é importante para o fim a que se propunha, porém há poucos alunos que realmente estão preocupados, naquele momento, com essa questão.

Os níveis de leitura a que chegam os alunos devem-se ao caráter da pesquisa e à peculiaridade do tema bem assimétricos, porém a pesquisa nos revelou um dado importante a leitura é uma construção coletiva, em especial se considerarmos o espaço escolarizado. Os resultados obtidos nos apontaram uma participação maior de alunos da escola 2, também resultado de um conjunto, pois os alunos da referida escola, por participarem da modalidade de Ensino por Blocos, estavam direcionados para as disciplinas de Ciências Humanas e, portanto, tinham condições mais favoráveis de integração em um projeto de leitura. Além disso, a abordagem feita pela escola, na qual havia um espaço semanal destinado à leitura de

material diverso, e a concepção que norteava esse trabalho de leitura ser fonte de informação pessoal, fizeram com que, os alunos fossem convidados a lerem materiais diferentes a cada semana. Isso fez com que grupo recebesse com outro olhar nossa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. T. de; BORDINI, M. da G. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ANDERY, Maria Amélia et.al. *Para compreender a ciência : uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 1988
- AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1987. 4 ed.
- BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ciranda Cultural .2007
- CALDAS AULETE, *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. São Paulo: Delta, 2003.v.4
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1973.
- CHARTIER, Roger. *Do palco à página: publicar teatro e ler romance na época moderna (séculos XVI-XVII)*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002
- COLÉGIO ESTADUAL TOMAZ EDISON DE ANDRADE VIEIRA - ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO. Projeto político pedagógico. 2008. Disponível em: <[http://www.mgatomazvieira.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/620/arquivos/File/PP\\_P%20COLEGIO%20TOMAZ%20EDISON.pdf](http://www.mgatomazvieira.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/620/arquivos/File/PP_P%20COLEGIO%20TOMAZ%20EDISON.pdf)>. Acesso em: 12/09/2010.
- DARNTON, R. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ESCARPIT, Robert *Hacia una sociologia del hecho literário*. Madrid .Edicusa . 1974
- HAUSER, A. *Sociologia del arte*. Barcelona: Labor, 1977. v. 4.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996. v. 2.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994
- KÜGLER, H. *Literatur under kommunikation*. Trad. Livre de Carlos E. Fantinati. In:
- MARTHA, A. A. P. et al. *O ensino da literatura*. 1987. Relatório de pesquisa.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Colégio de Aplicação Pedagógica. *Projeto político pedagógico e plano de ação – 2007 e 2008*. Disponível em: <[http://www.mgauemapplicacao.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/77/arquivos/File/PP\\_CAP\\_29-11-2007\[1\].pdf](http://www.mgauemapplicacao.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/19/1530/77/arquivos/File/PP_CAP_29-11-2007[1].pdf)>. Acesso em: 12/09/2010
- ZILBERMAN, R. *Leitura e ensino de literatura*. São Paulo: Contexto, 1991. Não foi citado

## Apêndices

**PROJETO DE LEITURA**  
**Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Letras**

**A recepção de *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, por  
alunos de Ensino Médio de Maringá.**

Mestranda: Marlene Cecília Castagna

Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Alice Áurea Penteadó Martha

**Objetivo geral:**

Analisar como ocorre a recepção de leitura canônica por leitores em formação e, a partir dessa observação elencar efetivamente quais fatores contribuem para a formação cognitiva dos leitores em espaço escolar e com isso desvendar os pontos em comum das leituras oferecidas no espaço escolar e sua funcionalidade. Verificando se essa funcionalidade contempla o interesse pessoal do leitor e, se esse interesse está voltado ao acesso ao Ensino Superior.

**Justificativa**

O material de leitura para pesquisa é a obra de Lima Barreto, *O triste fim de Policarpo Quaresma*. A escolha se justifica porque essa é uma das obras indicadas pela Universidade Estadual de Maringá para o PAS, Processo de Avaliação Seriada e vestibular de acesso único. A indicação é relevante entre alunos do município de Maringá e região, considerando que um dos objetivos de leitura no espaço acadêmico tem direcionado a preparação para o concurso vestibular. Nossa pesquisa pretende avaliar se esse critério de escolha e indicação de leitura é um modelo que contribui de alguma forma para a formação de um leitor proficiente.

## **Fundamentação teórica**

A recepção de leitura é uma das grandes lacunas na procura por resultados na formação de leitores. Entender o que efetivamente motiva o jovem leitor a buscar novas leituras é uma discussão que se encontra distante do encerramento. Mesmo com a importância dessa formação para a instituição escolar cumprir efetivamente seu papel e das políticas públicas voltadas a essa formação, ainda muito a que se entender sobre esse tema. Alguns autores como Hans Robert Jauss, focam o resultado de uma leitura proficiente oriunda do processo recepcional entre leitor e obra. O autor em sua teoria condena a valorização da história da literatura nos estudos para formação de leitor.

A questão histórica afasta a função pedagógica de formar leitores pois, é esperada de um historiador a objetividade que o afasta da autoridade de juízo de valor necessário para entender uma obra literária. É, portanto um estudo perfeitamente dispensável para formação do leitor. O valor de um objeto de leitura ocorre no momento da interação do leitor com a obra literária. Segundo Jauss:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão (JAUSS, 1994 p. 7-8).

A elaboração de hipóteses sobre recepção de uma obra literária deve se levar em conta que mesmo sendo o momento da recepção da obra um contato individual, que produz resultados diversos não se pode confundi-lo com psicologismo. Uma obra já tem uma história quando surge, há uma diferença entre linguagem poética e linguagem prática. A recepção é individual, mas se consolida no social, na capacidade de proceder a uma leitura crítica. O ato de ler é um constante mudar de horizonte de expectativas, quando um leitor leu uma obra, ele já formou um juízo de valor sobre a leitura feita., Esse conhecimento se agrega a bagagem cultural do leitor e contribuirá para qualidade das futuras leituras. Citando Kügler, os leitores nesse estágio terão pontos de referência e conseqüentemente terão maiores possibilidade de elaboração de perspectiva para a leitura subsequente.

## Metodologia

O trabalho da oficina terá base teórica os níveis de leitura descritos por Kügler (1987). O ensino da literatura é descrito por ele como um processo de interação entre leitor e o texto. Para estabelecer este processo de interação e para que o leitor chegue compreensão<sup>1</sup>, se faz necessário respeitar o caminho do leitor, o galgar dos níveis de compreensão de leitura. A preocupação não é o que o texto significa como um todo, mas a questão é voltada para a compreensão de que sentido o texto tem para o leitor em questão. O processo de comunicação em leitura literária é dividido em três níveis: a leitura primária, a constituição coletiva de significado e os modos secundários de ler.

No primeiro nível da leitura primária correspondente ao momento da leitura silenciosa, não ocorre a duplicação da linguagem original, há a concretude do estranhamento, o leitor precisa vencer esse momento, portanto será o momento de leitura isolada. Será um tempo de contato pessoal e individual com o texto. Este se constitui um nível importante do processo, pois vencendo a barreira não-crítica e afirmativa o leitor passa a estabelecer a partir do texto projeções e representações pessoais, há o início da participação afetiva do leitor com o texto. Consequentemente ocorre a personalização da leitura primária, o deslocamento. Ou seja, o leitor considera o texto pelos requisitos pré-textuais que ele já se apropriou. O deslocamento confirma uma compreensão que corresponde às expectativas do leitor. O próximo momento é a condensação, o cenário do texto é compreendido como condensado em sentido articulado e, com a articulação chega ao fim a leitura afetiva.

No segundo nível de leitura, a constituição coletiva do significado, ocorre quando o leitor assume a leitura articulada por ele e discute com o grupo outras possibilidades de leitura. É o momento da perda da ilusão e acréscimo racionais da experiência de leitura.

No terceiro nível, a constituição coletiva de significado, é a maturidade de leitura, o leitor se entende como parte do diálogo textual. Esse nível possibilita ao leitor leituras críticas, é o entendimento da produção dentro de um contexto. Considerando para o trabalho a descrição de Kügler dos níveis de leitura, essa pesquisa irá investigar a recepção de alunos do Ensino Médio. Os leitores selecionados para esta oficina são

---

<sup>1</sup> termo este tomado segundo a concepção do autor como: “articulação de auto-conhecimento no círculo hermenêutico(objeto-sujeito) em que o leitor se apresenta como pessoa na recepção” (Kügler, 1987).

alunos do 2º ano do Ensino Médio. As escolas selecionadas são duas públicas: uma do centro e outra de periferia . Serão analisados dados quantitativos e qualitativos.

### **Cronograma**

<b>Agosto 2010</b>	<b>Apresentação do projeto de leitura e aplicação do questionário socioeconômico – dois encontros</b>
<b>Setembro 2010</b>	<b>Leitura da obra – trabalho com o primeiro nível – dois encontros</b>
<b>Outubro 2010</b>	<b>Trabalho com o segundo nível – dois encontros</b>
<b>outubro 2010</b>	<b>Trabalho com o terceiro nível - dois encontros</b>





---

---

---

12- Por que você fez essa(s) leitura(s)?

- trabalho escolar
- indicação de amigos
- indicação do professor
- escolha pessoal

13- Você costuma conversar com seus amigos sobre leitura?

sim       raramente       não

Em caso afirmativo responda: Em que situação?

---

14 – Como você descreve o ambiente escolar :

monótono

interessante

apenas um espaço como outro qualquer

um espaço agradável

15- Quanto a seu futuro escolar, qual a sua pretensão?

terminar o Ensino Médio, abandonar a escola e ingressar no mercado de trabalho

terminar o Ensino Médio e fazer um curso profissionalizante

terminar o Ensino Médio, ingressar no mercado de trabalho e continuar estudando.

terminar o Ensino Médio, fazer vestibular e cursar uma universidade.

16- O que pensa sobre as listas de leituras propostas pelas universidades para os concursos vestibulares?

17- Você acha importante a leitura de obras literárias para a profissão que pretende ter?

sim       não

Por

quê? \_\_\_\_\_

---

18- Das listas de obras para concursos vestibulares com as quais teve contato, quais livros já leu?

---

---

---

19 - Você já ouviu falar sobre o romance O triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto?

sim       não

20 - Em caso afirmativo, qual foi sua reação?

ouvi e me pareceu interessante

fiquei com vontade de ler

ouvi em sala de aula e já li

ouvi e não despertou minha atenção.

Apêndice 3

**QUESTIONÁRIO REFERENTE ÀS IMPRESSÕES DE LEITURA**

**Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-Graduação em Letras**

**Oficina de Leitura**

**A recepção de *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, por alunos de Ensino Médio de Maringá.**

Mestranda: Marlene Cecília Castagna

Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Alice Áurea Penteado Martha

Escola: \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_

1- O que você achou do livro(objeto) que você leu?

Editora: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

Papel: \_\_\_\_\_

Letra : \_\_\_\_\_

Capa : \_\_\_\_\_

Ilustração: \_\_\_\_\_

Paratexto: \_\_\_\_\_

2- Você conhece alguém que viveu uma história parecida com a de Policarpo Quaresma?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3- Diga de que você mais gostou na personagem Policarpo Quaresma ?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4- De que atitude(s) você não gostou em Policarpo Quaresma ?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5- Você acha que os fatos narrados no romance podem ocorrer nos dias de hoje?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6- Você acredita que Policarpo sofria discriminação em seu meio social? Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7- Quanto às personagens

Nome da personagem	Aspecto positivo	Aspecto negativo

8- A linguagem do texto dificultou de alguma maneira sua leitura?

9- Comente, em 10 linhas no máximo, as suas impressões de leitura da obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---